

**Grada Kilomba:  
desobediências  
poéticas**

Grada Kilomba:  
poetic  
disobediences

**5.**  
**Apresentação**

Jochen Volz

**9.**  
**A versatilidade  
e vanguarda de  
Grada Kilomba**

Djamila Ribeiro

**157.**  
**Lista de obras**

5.  
Foreword

9.  
The Versatility and  
Avant-Garde Work  
of Grada Kilomba

157.  
List of Works

## Apresentação

Jochen Volz  
diretor-geral

**A Pinacoteca de São Paulo tem a honra de apresentar a primeira exposição individual da obra de Grada Kilomba no Brasil. *Grada Kilomba: Desobediências poéticas* tem a curadoria de Valéria Piccoli e foi concebida em diálogo estreito com a artista para o segundo andar da Pina Luz, com a intenção de justapor, questionar e provocar novas interpretações sobre a coleção de arte dos séculos XIX e XX do museu, a história da arte que ela pretende contar e as histórias que permaneceram invisíveis.**

**A exposição consiste em quatro instalações, cada uma apresentada em uma sala. *Illusions Vol. I, Narcissus and Echo* (2017) e *Illusions Vol. II, Oedipus* (2018) são duas videoinstalações em dois canais, nas quais Kilomba recria um cenário da tradição africana de contação de histórias, para revisitar e iluminar aspectos suprimidos do (pós) colonialismo. As histórias universais de Narciso e Eco em *Illusions Vol. I* e de Édipo em *Illusions Vol. II* são contadas de modo que os conflitos humanos e políticos que fazem parte da mitologia grega sejam, de fato, interpretados de uma forma descolonizada. Kilomba demonstra como o sistema dominante da produção de conhecimento determina quais perguntas merecem ser feitas; como analisá-las; sob qual perspectiva e como explicá-las. Quem define não só o que é a verdade absoluta, mas também em quem acreditar e em quem confiar?**

***The Dictionary* é uma obra recém-desenvolvida para a Pinacoteca,**

## Foreword

general director

The Pinacoteca de São Paulo is honored to present this first solo exhibition of the work of Grada Kilomba in Brazil. *Grada Kilomba: Poetic Disobediencies* is curated by Valéria Piccoli and conceived in close dialogue with the artist for the second floor of Pina Luz, designed to juxtapose, to question, and to provoke new interpretations on the museum collection of art from the 19th and early 20th centuries, the history of art it intends to tell, and the histories that have remained invisible.

The exhibition consists of four installations, each presented in a separate room. *Illusions Vol. I, Narcissus and Echo* (2017) and *Illusions Vol. II, Oedipus* (2018) are two-channel video installations, with which Kilomba recreates a scenario of the African tradition of storytelling, to revisit and illuminate suppressed aspects of (post) colonialism. The universal stories of Narcissus and Echo in *Illusions Vol. I* and of Oedipus in *Illusions Vol. II* are told in a way that the human and political conflicts that are part of Greek mythology are indeed interpreted in a decolonized form. Kilomba demonstrates how much the dominant system of knowledge production determines which questions merit being questioned; how to analyze them; from which perspective and how to explain them. Who defines not only what is the absolute truth, but also defines in whom to believe, and in whom to trust?

*The Dictionary* is a newly developed work for Pinacoteca, a multichannel

**uma videoinstalação multicanal que examina cuidadosamente o significado das palavras "negação", "culpa", "vergonha", "reconhecimento" e "reparação" – que aparecem cronologicamente uma após a outra, criando um caminho de consciência. É uma obra sobre desaprender e como transformar formatos e o modo como falamos. Finalmente, a escultura *Table of Goods* (2017) relembra séculos de mortes de africanos escravizados que trabalhavam em plantações de café, cacau e açúcar. Aqui, Kilomba usa o termo "indizível" como uma metáfora para o trauma causado pelo colonialismo, que, como uma doença, nunca foi adequadamente tratado na sociedade.**

**Grada Kilomba atua em um espaço híbrido entre teoria e prática da arte, por meio de publicações, leituras cênicas, performances, videoinstalações e textos. Ela desafia as formas dominantes do compartilhamento de conhecimento, preservadas em currículos oficiais, ao afirmar que o conhecimento é o espelho das relações sociais, econômicas, raciais e de gênero.**

**A Pinacoteca é extremamente grata a Grada Kilomba por sua generosidade e dedicação ao projeto. Obrigada a Valéria Piccoli por sua sensibilidade e um agradecimento especial a Djamila Ribeiro, que contribuiu com um ensaio inédito sobre a obra de Grada Kilomba para esta publicação. Finalmente, um enorme agradecimento à equipe extraordinária da Pinacoteca.**

video installation examining carefully the meaning of the words *denial*, *guilt*, *shame*, *recognition*, and *reparation* – which appear chronologically one after the other, creating a path of consciousness. It is a work about unlearning and how to transform formats and how we speak. And finally, the sculpture *Table of Goods* (2017) recalls centuries of deaths of enslaved Africans working on colonial coffee, cacao, and sugar plantations. Kilomba here uses the term "unspeakable" as a metaphor for the trauma caused by colonialism, which, like a disease, has never been properly treated in society.

Grada Kilomba operates in a hybrid space between art theory and practice, through publications, staged readings, performances, video installations, and texts. She challenges the dominating forms of knowledge sharing, preserved in official curriculums, by stating that knowledge is the mirror of social, economic, racial, and gender relations.

The Pinacoteca is extremely grateful to Grada Kilomba for her generosity and dedication to the project. Thank you to Valéria Piccoli for her sensibility. And a very special thanks to Djamila Ribeiro who contributed a new essay on Grada Kilomba's work to this publication. And finally, a special thanks to the extraordinary team of Pinacoteca.

## A versatilidade e vanguarda de Grada Kilomba

## The Versatility and Avant-Garde Work of Grada Kilomba

Djamila Ribeiro

**Em 2017, a convite da Bienal de Artes de Berlim, fui à capital alemã acompanhar, como *special partner*, a série de exposições que tinha como tema central o refrão da conhecida música de Tina Turner *We Don't Need Another Hero* [Não precisamos de outro herói]. Tratou-se exatamente da expressão artística crítica pela autodeterminação das pessoas e dos povos da diáspora, com suas releituras de si, de mitos e fatos diversos, que normalmente são contados distante da consideração da mera existência de pessoas negras pensantes ou protagonistas de suas próprias histórias. Em regra, historicamente, as pessoas brancas julgam mais interessante falar por e sobre a população negra, relegando-a ao apagamento de suas visões de mundo e narrativas. A Bienal, que era distribuída por diversos lugares ao longo da cidade, concentrava, em seu maior espaço, logo no salão de entrada, a exibição de Dineo Seshee Bopape, uma artista sul-africana que trazia, em sua rica exposição, os danos psíquicos causados pelo colonialismo. Lembro como me marcou aquela obra, que partia da cantora Nina Simone, em sua performance histórica no Festival de Música de Montreal, como exemplo da genialidade da mulher da diáspora atormentada pela violência psíquica causada pelo racismo, como já nos ensinou Frantz Fanon<sup>1</sup>.**

**Ali, logo ao lado da exposição de Bopape, em uma sala de exibição**

In 2017, invited by the Berlin Biennale for Contemporary Art, I went to the German capital to check out, as a special partner, the series of exhibitions which had as the central theme the refrain of Tina Turner's song *We Don't Need Another Hero*. The exhibit focused on the critical artistic expression by the self-determination of the people of the diaspora, with their own reinterpretations of themselves, of myths and various facts, which are usually told hardly considering the mere existence of black people as thinking beings or protagonists in their own stories. Historically, as a rule, white people think it is more interesting to talk on behalf of and about the black population, relegating it to the obliteration of its world perspectives and narratives. The Biennale, which was held in several spots throughout the city, concentrated, in its largest space, right in the entry hall, the exhibition of Dineo Seshee Bopape, a South African artist who brought, in her rich exposure, the psychic damage caused by colonialism. I remember how this work affected me. The starting point was Nina Simone in her historic performance at the Montreal Music Festival as an example of the diaspora woman genius, tormented by the psychic violence caused by racism, as Frantz Fanon has already taught us.<sup>1</sup>

There, right next to Bopape's exhibition, in a video exhibition room, I found, on a screen, Grada Kilomba,

de vídeo, encontrei, em tela, Grada Kilomba, que protagonizava o segundo episódio da série *Illusions*, sobre Édipo e o colonialismo. Grada Kilomba desnuda as políticas de violência às quais pessoas negras são submetidas, narrando a história com uso de diferentes linguagens; sua voz ecoa como uma tentativa tanto de denúncia dessas políticas de violência quanto de restituição de humanidade daqueles que foram narrados. Ao contar a história, o lugar de "infans" é quebrado, e para entendermos o que é *infans* e a importância de romper com esse lugar, recorro a Lélia Gonzalez em sua histórica citação sobre a escrita por mulheres negras:

e o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (*infans* é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa<sup>2</sup>.

Essa epígrafe abre meu primeiro livro, muito baseado em Grada Kilomba, a quem acompanho desde meu mestrado, quando seus estudos sobre narrativa, quem pode falar e o que é dito, entre outros temas, inspiraram uma parte fundamental de minhas reflexões, que mais tarde seriam traduzidas no livro *O que é Lugar de Fala?* (Sueli Carneiro/Pólen), meu primogênito, que tantas portas me abriu. Tinha um afeto profundo por Grada, também por tê-la entrevistado para o site da *CartaCapital* em sua visita a São Paulo – assisti a alguns vídeos seus no YouTube em que ela fala da importância de sua visita na Bienal ocorrida no Brasil. Foi um encontro ancestral; à época, incomodava-me ser muito criticada nas redes sociais por pessoas furiosas pela proeminência de

who featured the second episode of her *Illusions* series on Oedipus and the colonialism. Grada Kilomba uncovers the violence policies to which black people are submitted, narrating the story using different languages; her voice echoes as an attempt both to report these violence policies and to restore humanity for those who were narrated. By telling the story, the place of "infans" is broken, and to understand what *infans* is and the importance of breaking up with this place, I use Lélia Gonzalez in her historical quote about black women's writing:

and the risk we take here is the one of the act of talking with all the implications. Precisely because we have been spoken, infantilized (*infans* is the one who does not speak, it is the child who is talked about in the third person because she or he is spoken by adults), in this work we take our own speech. In other words, the trash will talk, and it's cool.<sup>2</sup>

This epigraph opens my first book, based on Grada Kilomba, who I have been following since my master's degree, when her studies on narrative, who can speak and what is said, among other subjects, inspired a fundamental part of my reflections, which later would be translated into the book *O que é Lugar de Fala?* [What is a place of speech?] (Sueli Carneiro/Pólen), my first book, which opened so many doors for me. I had a deep affection for Kilomba, also because I had interviewed her for *CartaCapital* website during her visit to São Paulo — I watched some of her videos on YouTube in which she talks about the importance of her visit to the Bienal which took place in Brazil. It was an ancestral meeting; at the time, it bothered me to be criticized on social media by people who were angry about a black woman being prominent in the public debate and, in a few minutes talking to Kilomba, off the

uma mulher negra no debate público e, em poucos minutos de conversa com Grada, fora da gravação, ela me perguntou por qual razão eu ainda me preocupava com as vozes do passado. Disse ela que as vozes deviam pertencer ao local onde, de fato, estavam: no passado. Conversar com Grada, naquela oportunidade, não só foi libertador em muitos sentidos, mas também resultou numa entrevista marcante, compartilhada centenas de milhares de vezes, e que trazia como título "O racismo é uma problemática branca", como de fato é. Na oportunidade da entrevista, Grada afirmou:

por sermos vistos como diferentes, e essa diferença ser considerada problemática, ficamos de fora das estruturas de poder, que é o racismo estrutural, institucional, acadêmico, do dia a dia etc. Quando nós sabemos o que é o racismo, sabemos que, independentemente dos conflitos entre as diferentes comunidades, não há racismo inverso. Quando um sistema está habituado a definir tudo, bloquear os espaços e as narrativas e nós, a partir de um processo de descolonização, começamos a adentrar esses espaços, começamos a narrar e trazer conhecimentos que nunca estiveram presentes nesses lugares, claro que isso é vivenciado como algo ameaçador.

Penso que essa passagem dialoga muito com sua obra em exposição.

Volto àquela sala em Berlim, em que *Illusions Vol. II, Oedipus* (2018) exibia o mito de Édipo. Na interpretação de Grada, Édipo que, atendendo involuntariamente às previsões feitas, matara o pai, sem saber que ele era seu pai, e casara-se com a mãe, sem saber que era sua mãe, era também uma metáfora para entender o colonialismo e as hierarquias violentas criadas a partir desse processo. Os adultos aos quais se refere Gonzalez

record, she asked me why I still worried about the voices from the past. She said the voices should stay in the place where, in fact, they belonged: in the past. Talking to Kilomba, on that opportunity, was not only liberating in many ways, but also resulted in a remarkable interview, shared hundreds of thousands of times, and which used as title "O racismo é uma problemática branca" [Racism is a white issue], which in fact is true. On that opportunity, Kilomba said:

because we are seen as different, and this difference is considered to be problematic, we are left outside of power structures, which is structural, institutional, academic, daily racism, etc. When we know what racism is, we know that, regardless of the conflicts between the different communities, there is no reverse racism. When a system is used to defining everything, blocking spaces and narratives, and we, from a decolonization process, start to enter those spaces, start to narrate and bring knowledge which was never present in those places, of course, this is experienced as something threatening.

I think this extract dialogs with the exhibited work.

I return to that room in Berlin, in which *Illusions Vol. II, Oedipus* (2018) showed Oedipus' myth. In Kilomba's interpretation, Oedipus — who, involuntarily fulfilling the forecasts made, had killed his father (without knowing the man was his father) and married his mother (without knowing the woman was his mother) — was also a metaphor for understanding colonialism and the violent hierarchies created from this process. The adults to whom Gonzalez refers are the colonial imposition of a single voice which submitted black people to the condition of objects. When Kilomba narrates it, she takes on a voice which had been silenced.

são a imposição colonial de uma voz única que submeteu à condição de objeto pessoas negras. Kilomba, ao narrar, assume uma voz que foi silenciada.

Logo ali, naquela sala, vi uma pensadora quebrando paradigmas na forma como a intelectual geralmente é vista e expõe seu trabalho. A fluidez com que Grada transita entre a acadêmica e a artista mostra que fronteiras dessa natureza nada mais são que imposições, muitas vezes tecnicistas, próprias do ser ocidental. Comentei, inclusive, com minha filha adolescente, outro dia, diferentemente daquilo que estava costumada a ver em palestras em geral, vi uma intelectual que faz uso da dança, do teatro e da leitura como forma de transmitir seus pensamentos, verdadeiras obras de arte. A apresentação de Grada foi objeto de atenção, enquanto a jovem adolescente assistia aos mitos gregos contados de uma outra forma, diferente da forma usual. Como Grada mesmo disse na entrevista para *CartaCapital*: “começamos a narrar e trazer conhecimentos que nunca estiveram presentes nesses lugares”. O modo pelo qual Grada Kilomba se apresenta já é a quebra de um método colonial ao qual fomos submetidos, a respeito daquilo que é ciência, conhecimento. No Brasil, a juventude urbana que se reúne em *slams* de resistência, *saraus* e apresentações de teatro, ao mesmo tempo em que se engaja na academia, antes fechada quase que exclusivamente ao grupo de pessoas brancas, acompanha essa forma de apresentação que brilha em museus, universidades e nas praças das cidades.

O primeiro volume de *Illusions, Illusions Vol. 1, Narcissus and Echo* (2017) – fiz o caminho inverso ao ver o segundo e depois o primeiro – trata de Narciso e da ninfa Eco. Narciso foi um caçador muito belo, o mais belo entre todos, muito amado e desejado, mas que não amava ninguém, a não ser sua própria imagem. Já Eco, perdidamente apaixonada por Narciso, era uma ninfa que tinha sido

Right there, in that room, I saw a thinker breaking paradigms regarding the way an intellectual is usually seen and exposes her work. The fluidity with which Kilomba transits between being a scholar and an artist shows that boundaries of such nature are nothing more than impositions, often technicist ones, typical of the Western being. The other day I commented with my teenage daughter that, different from what I was used to seeing in lectures in general, I saw an intellectual who uses dance, theatre, and reading as a way to convey her thoughts, true works of art. Kilomba's presentation was the object of attention, while the young teenager watched Greek myths told in another way, different from the usual one. As Kilomba herself said to me in *CartaCapital's* interview: “we started narrating and bringing knowledge that had never been present in those places.” The way Grada Kilomba presents herself is already a way of breaking the colonial method to which we were submitted, regarding what science and knowledge are. In Brazil, the urban youth that meets in resistance slams, soirées, and theatre performances while engaging at the academy — which formerly was restricted almost exclusively to white groups — follows this kind of presentation which shines in museums, universities, and city squares.

The first volume of *Illusions, Illusions Vol. 1, Narcissus and Echo* (2017) — I took the opposite direction, when I watched the second one and then the first one — focuses on Narcissus and the nymph Echo. Narcissus was a very handsome hunter, the most handsome among all, very much beloved and desired, but who loved no one other than his own image. Echo, who was deeply in love with Narcissus, was a nymph who had been cursed by Hera, Zeus' wife, to have the sole ability to repeat the last word of the sentence she listened to. Echo followed Narcissus, who didn't even pay attention to her presence, and when she found him looking at his own image in the water, she could only repeat the last words he spoke because

amaldiçoada por Hera, esposa de Zeus, a ter a capacidade de apenas repetir a última palavra da frase que ouvia. Eco seguiu Narciso, que nem sequer prestava atenção em sua presença e, ao encontrá-lo olhando para a própria imagem na água, passa por força da maldição a repetir apenas as últimas palavras que ele fala, levando-o acreditar que estava sendo correspondido pelo espelho que via.

Interessante notar que o mito de Narciso e a relação com a branquitude está presente nas reflexões de intelectuais brasileiras desde a década de 1990, após a tese de doutorado de Maria Aparecida Bento, também conhecida como Cida Bento, que cunhou o termo “pacto narcísico da branquitude”, ao revelar como pessoas brancas consentem um pacto para se premiarem, se protegerem, não importando as circunstâncias e, com isso, manterem o estado de coisas injusto perante pessoas negras, sobretudo no mercado de trabalho, de onde partiram as reflexões da pesquisadora. Distâncias à parte, uma vez que o mito foi pensado em momentos e a partir de pontos diferentes, a aproximação entre Grada Kilomba e Cida Bento em Narciso reside na identificação do caçador mitológico grego, com a ideia de pessoas brancas presas na imagem daquilo que é “universal” e na consequente refutação daquilo que é diferente, pois, para estas, elas são a norma da qual os “outros” diferem, como afirma Grada. A paixão branca pela própria imagem. Diz Grada em sua obra:

narcisista é esta sociedade branca patriarcal na qual todos nós vivemos, que é fixada em si própria e na reprodução da sua própria imagem, tornando todos os outros invisíveis. Eu, eu estou rodeada de imagens que não espelham o meu corpo. Imagens de corpos brancos, com sorrisos perfeitos, sempre a olharem-se a si próprios e a reproduzirem a sua imagem como o objeto ideal de amor.

of the curse, leading him to believe he was being reciprocated by the mirror he saw.

It is interesting to note that the Narcissus' myth and the relationship with whiteness has been present in the reflections of Brazilian intellectuals since the 1990s, after the PhD dissertation of Maria Aparecida Bento, also known as Cida Bento, who coined the term “narcissistic pact of whiteness,” when revealing how white people agree with a pact to reward and protect themselves, no matter what, and, with that, maintain the unfair state of affairs to black people, especially in the labor market, from where the researcher's reflections started. Distances aside, since the myth was thought based on different moments and from different points, the convergence between Grada Kilomba and Cida Bento in Narcissus lies in the identification of the Greek mythological hunter with the idea of white people being trapped in the image of that which is “universal” and in the subsequent refutation of that which is different because, for those people, they are the norm from which the “others” differ, as Kilomba says. The white passion for its own image. Kilomba says in her work:

narcissistic is this patriarchal white society in which all of us live, which is fixated in itself and the reproduction of its own image, deeming all others invisible. I'm surrounded by images which do not mirror my body. Images of white bodies, with perfect smiles, always looking at themselves and reproducing their image as the ideal object of love.

Echo, on the other hand, in the artist's words, “is the white consensus. She is the one who repeats and confirms Narcissus' words. She follows him silently, and every moment of her silence applauds Narcissus' speech.”

At the musical level, the work was, in its first version, crossed in several moments

Já Eco, nas palavras da artista, "é o consenso branco. É ela quem repete, e quem confirma as palavras de Narciso. Ela segue-o silenciosamente, e cada momento do seu silêncio aplaude o discurso de Narciso".

No plano musical, a obra foi, em sua primeira versão, perpassada em vários momentos pela canção *I Put a Spell on You* [Lancei um feitiço sobre você], imortalizada por Nina Simone, cantora reverenciada por Bopape, como descrito no início do texto. Assim como Grada, sobre quem vi entrevistas para a produção do meu presente texto, também ouvi a música em inúmeras versões possíveis e diferentes, em meio à paixão pela beleza própria da canção, bem como pelo entusiasmo em ligá-la ao mito de Narciso. Grada, quando responde a perguntas sobre a música em entrevistas, afirma que a branquitude está sob um certo feitiço que visa impedir que perceba e, sobretudo, reaja à bolha narcísica na qual está inserida em seu mundo de condomínio fechado, lazeres onde a massa é branca e a naturalização das desigualdades ocorre de forma absolutamente tranquila, sem sobressaltos. Nesse sentido, portanto, *I Put a Spell on You* diz à branquitude estar ela presa, condição essa passada de gerações a gerações, a um feitiço que "invisibiliza", naturaliza lugares, mata. Despertar a branquitude desse feitiço tem se revelado uma dura tarefa de pessoas conscientes – negras, sobretudo, e brancas. Já na atual obra apresentada na presente Pinacoteca, Grada traz a música *Horizon Aflame* [tradução livre: Horizonte em chamas], uma canção de protesto do sul-africano Neo Muyanga, músico pianista nascido em Soweto, para espelhar musicalmente a trajetória de Narciso, Eco e a branquitude.

O talento de Grada em trazer para reflexão mitos gregos fundantes da sociedade ocidental, revertendo-os para leituras contemporâneas e pós-coloniais, tem como mérito virar o espelho para

by *I Put a Spell on You*, immortalized by Nina Simone, a singer revered by Bopape, as described at the beginning of the text. Just like Kilomba, about whom I watched interviews for the production of my present text, I also listened to that song in numerous possible and different versions, in part because of the passion for the beauty of the song itself, as well as because of the enthusiasm in connecting it to the Narcissus' myth. When answering questions about the song in interviews, Kilomba says that the whiteness is under a certain spell which aims to prevent it from perceiving and, most of all, from reacting to the narcissistic bubble in which it is inserted in this world of closed condos, pastimes in which the majority is white and the naturalization of inequalities occurs absolutely quietly, without shocks. In this sense, therefore, *I Put a Spell on You* tells whiteness it is trapped, a condition which is passed from generation to generation, a spell which "invisibilizes," naturalizes certain places, which kills. Freeing the whiteness from that spell has been a harsh task for conscious people — mainly black, but also white. On the other hand, in the work presented at Pinacoteca, Kilomba brings the song *Horizon Aflame*, a protest song from the South African Neo Muyanga – a pianist musician born in Soweto – to musically mirror Narcissus', Echo's, and the whiteness' journey.

Kilomba's talent in reflecting on the Greek myths which founded the Western society, reverting them to contemporary and postcolonial readings, has the merit of turning the mirror to scenarios which society insists on not seeing. This is turning the spell against the sorcerer and, in that sense, *I Put a Spell on You* gets another meaning, as if Kilomba cast the *counterspell* on the viewer. But it is not merely a counterspell, because being "counter-something" would mean, in some way, still having that thing as a base. It is also no contribution to a postcolonial debate. It is a break; it is the foundation of a world, of the *Horizon Aflame*.

cenários que a sociedade insiste em não ver. É o feitiço virar contra o feiticeiro e, nesse sentido, *I Put a Spell on You* ganha outro significado, como se Grada lançasse o *contrafeitiço* ao espectador. Mas não é meramente um contra, pois ser contra algo seria, de algum modo, ainda ter o que se é contra como base. Tampouco é contribuição a um debate pós-colonial. É quebra, é fundação de mundo, do horizonte em chamas.

—  
Djamila Ribeiro é mestra em filosofia política pela Universidade Federal de São Paulo e autora dos livros *O que é Lugar de Fala?* (Pólen Livros) e *Quem tem medo do Feminismo Negro?* (Companhia das Letras). É criadora e coordenadora do Selo Sueli Carneiro e da Coleção Feminismos Plurais.

1. Nascido na Martinica, colônia francesa, o pensador Frantz Fanon foi vital para a perspectiva racial crítica. Em *Pele negra, máscaras brancas*, investiga a inferiorização da população negra pelo viés da subalternização forçada pelo colonialismo, passando pela negação da subjetividade à pessoa negra, e estabelece um contraponto à teoria do psicanalista francês Octave Mannoni, que ignorava este processo como fator crucial. Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descobro objeto em meio a outros objetos. Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraíndo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodí. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu. (Fanon, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. EDUFBA, 2008, p. 103).
2. (Gonzalez, Lélia. In: *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983, p. 225). Gonzalez foi uma fundamental pensadora feminista negra e professora da PUC-RJ, onde chefiou o departamento de sociologia.

—  
Djamila Ribeiro holds a master's degree in political philosophy from the Universidade Federal de São Paulo and is the author of the books *O que é Lugar de Fala?* (Pólen Livros) and *Quem tem medo do Feminismo Negro?* (Companhia das Letras). She is the creator and coordinator of Selo Sueli Carneiro publishing label and Coleção Feminismos Plurais.

1. Born in Martinique, a French colony, Frantz Fanon was a very important thinker for the critical racial perspective. In *Black Skin, White Masks*, Fanon establishes a counterpoint to the thought of the French psychoanalyst Octave Mannoni, who ignored the process of colonization as a fundamental factor in the inferiorization of the black population. Fanon investigates the process of subordination of black people by colonialism, addressing the denial of the subjectivity to black people. I came into this world imbued with the will to find a meaning in things, my spirit filled with the desire to attain to the source of the world, and then I found that I was an object in the midst of other objects. Sealed into that crushing objecthood, I turned beseechingly to others. Their attention was a liberation, running over my body suddenly abraded into nonbeing, endowing me once more with an agility that I had thought lost, and by taking me out of the world, restoring me to it. But just as I reached the other side, I stumbled, and the movements, the attitudes, the glances of the other fixed me there, in the sense in which a chemical solution is fixed by a dye. I was indignant; I demanded an explanation. Nothing happened. I burst apart. Now the fragments have been put together again by another self. (Frantz Fanon, *Black Skin, White Masks*, trans. Charles Lam Markmann [Grove Weidenfeld, 1967], 257).
2. (Gonzalez, Lélia. In: *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos* [Brasília: ANPOCS, 1983], 225. Translated for this publication). Lélia Gonzalez was a fundamental black feminist thinker and a professor in PUC-RJ, where she directed the Sociology Department.



**Ilusões vol. I  
Narciso e Eco**

**Illusions vol. I  
Narcissus and Echo**

páginas 18 e 20  
vista da instalação  
[installation view]  
Goodman Gallery,  
Joanesburgo  
[Johannesburg], 2018

página 22  
performance na  
[at the] 32ª Bienal  
de São Paulo, 2016







ILUSÕES VOL. I, NARCISO E ECO  
de GRADA KILOMBA (2017)

PORTUGUÊS

30' 38"

Personagens:

Narciso	Moses Leo
Eco	Martha Fessehatzion
Amor de Narciso	Zé de Paiva
Ninfa	Grada Kilomba
Coro	Todxs

Contadora de Histórias - Griot	Grada Kilomba
--------------------------------	---------------

Música composta por	Neo Muyanga
Beat composto por	Moses Leo

Última Versão:  
Berlim, 8 Fevereiro 2018



1. INTRODUÇÃO

Fui convidada para vir aqui hoje. Mas, sinto que não há nada de novo, que eu possa dizer.

Muitas vezes, sinto que tudo já foi dito.

Sinto que já sabemos tudo, mas tendemos a esquecer, do que sabemos.

É por isso que hoje, eu vos quero contar uma história: a história de Narciso e de Eco.

MÚSICA

Beats by Moses Leo

2. PARTE I

I.

Na mitologia Grega, Narciso era um caçador que era conhecido pela sua beleza.

Dizia-se, que ele tinha o corpo mais perfeito, o rosto mais perfeito, um nariz perfeito, lábios perfeitos.

Narciso  
(Moses)

VOZ

Contar a história

Instalar

Entrar em cena

A pele mais perfeita, o cabelo mais perfeito. Ele era um ser absolutamente perfeito, amado por muitos, mas Narciso não amava ninguém.

(SILÊNCIO)

Ele gostava de receber atenção e elogios. E atraía muitos amantes, os quais ele brevemente entretinha, para logo depois os desprezar e recusar. Nos seus olhos, ninguém era digno nem dele, nem da sua beleza.

(SILÊNCIO)

Nemesis, a deusa do julgamento, apercebeu-se do seu comportamento e amaldiçoou Narciso: ele só deverá amar alguém, que nunca o poderá amar de volta, a sua própria imagem.

II.

Mas, a história de Narciso não pode ser contada sem a história de Eco.

(SILÊNCIO)

Na mitologia Grega

Eco  
(Martha)

*Eco* era uma bela ninfa,  
que vivia na montanha.

Mas, *Eco* tinha  
uma fraqueza,  
ela gostava muito de falar,  
e interrompia constantemente  
os outros,  
ou tinha sempre  
a última palavra.

Ela sabia tudo melhor que todos.

Um dia, a deusa *Hera*  
procurava o seu marido,  
*Zeus*, o qual,  
ela tinha razão  
para temer,  
estar a divertir-se  
entre as ninfas.

*Hera*, suspeita,  
seguiu *Zeus*,  
com a intenção  
de o apanhar  
com as ninfas.

No entanto, *Eco*  
tentando proteger *Zeus*,  
envolveu *Hera* numa  
longa longa conversa,  
interrompendo-a  
e falando sem parar -  
dando tempo a *Zeus*  
para fugir.

Quando *Hera*,  
se apercebeu,  
amaldiçoou *Eco*  
para que não  
voltasse a falar,  
removendo-lhe a voz,  
com a excepção de que  
*Eco* pudesse  
apenas repetir  
as últimas palavras

que escutasse.

"Agora, vai!",  
gritou *Hera*.

*Eco* tentou implorar  
e pedir perdão,  
mas tudo o que  
ela pode dizer  
foram as últimas  
palavras de *Hera*:  
"Vai." "Vai." "Vai."

(SILÊNCIO - WHITE SCREEN)

Pobre *Eco*  
vagueou sozinha  
pela floresta,  
triste e  
desesperada.

MÚSICA

Beats de Moses Leo

III.

Até que um dia,  
ela viu um homem  
muito muito belo,  
chamado *Narciso*,  
que andava a caçar  
na floresta.

*Eco* apaixonou-se  
profundamente  
por ele.  
Ela contemplou-o.  
E desejou contar-lhe  
sobre o seu amor,  
mas, sendo incapaz  
de falar,  
*Eco* seguia apenas  
os passos de *Narciso*.

Escondida,  
esperava por ele  
na floresta,  
na esperança que  
ele um dia falasse.

O que *Eco* não sabia  
era que, *Narciso*  
ignorava todos  
à sua volta.  
E que aqueles  
que o amavam  
eram rejeitados  
e desdenhados.

IV.  
Apaixonada,  
*Eco* ansiava  
poder falar  
dos seus  
profundos afetos  
a *Narciso*.

Por isso, ela  
continuou  
a segui-lo  
na floresta,  
escondendo-se  
e esperando  
o momento em que  
ele falasse.

Mas, como *Eco*  
havia sido  
castigada por *Hera*,  
ela não tinha voz própria,  
e podia apenas repetir  
as últimas palavras  
que escutasse.

Assim, impaciente *Eco*  
esperava que *Narciso*  
falasse primeiro,  
para que ela lhe pudesse

Cena:  
Floresta de Microporos  
Martha e Moyses



DANÇA

responder assim que  
ouvisse a sua voz.

#### MÚSICA

"Horizon Aflame (Mixed)" by Neo Muyanga

V.  
Mas, *Narciso*  
também tinha  
sido castigado  
pela deusa *Nemesis*,  
que o atraiu  
para um lago,  
com águas  
cor azul prata.

E ali ele chegou  
junto ao lago,  
cheio de calor  
e de sede,  
seguido por *Eco*.

Quando ele  
se sentou  
à beira do lago,  
e se inclinou  
sobre a água,  
para beber,  
de repente,  
viu a sua própria  
imagem reflectida  
na superfície  
das águas.

Perfeição.  
Absoluta perfeição.

Ele ficou a olhar-se com admiração,  
este rosto,

*Narciso e o seu amor*  
*Moyes e Eco*



estes lábios,  
este nariz,  
estes olhos,  
esta pele,  
este cabelo,  
tão perfeitos.  
tão belos.

(SILÊNCIO)

Nunca antes  
tinha *Narciso*  
visto uma criatura  
tão bela.  
A beleza era tal,  
que ele pensou  
se tratar de um  
espírito da água  
que habitava o lago.

*Narciso* apaixonou-se,  
sem se aperceber  
que era simplesmente  
a sua própria imagem.

Ele apaixonou-se  
Pela sua imagem  
reflectida na água.

(SILÊNCIO)

E *Eco*,  
que não conseguia  
alcançar *Narciso*  
com as suas palavras,  
permaneceu escondida,  
em silêncio,  
forçada a vê-lo  
apaixonar-se  
por si próprio.

VI.  
*Narciso*  
não conseguia

desviar o olhar.  
Ele estava  
fascinado.  
Então, ele falou  
com a imagem:  
"Quem és tu?"

*Eco* dada  
a oportunidade,  
repetiu as  
suas palavras.  
"Tu!" "Tu!" "Tu!"

Ele falou de novo:  
"Quem és tu, meu belo?"  
*Eco* respondeu de novo.

(SILÊNCIO)

"Eu nunca vi  
uma criatura tão bela!",  
ele disse,  
"És tão belo, meu amor!"  
*Eco* repetiu  
as suas últimas  
palavras, novamente:  
"Meu amor!" "Meu amor!" "Meu amor!"

*Narciso*  
tinha agora  
a certeza  
de que a imagem  
tinha falado  
de volta para ele.

MÚSICA  
"Horizon Aflame" by Neo Muyanga

VII.  
Ele chamou de novo:  
"Vem, meu amado "  
*Eco* respondeu

DANÇA

Mozart e Beethoven - m

com todo o  
seu coração,  
as mesmas palavras.  
E apressou-se,  
correndo para  
*Narciso*.

Mas, *Narciso*,  
que pensava que  
as respostas  
que havia ouvido  
vinham da  
imagem na água,  
olhou para *Eco*  
com surpresa e  
ficou furioso:  
"Tira as tuas mãos de cima de mim!",  
ele disse.  
"Preferia morrer, a ser teu!",  
virando-lhe as costas.

Humilhada,  
*Eco* partiu  
em desespero,  
com o seu  
coração sofrido.

Ela fugiu  
para as montanhas,  
e escondeu-se nas  
entranhas da floresta,  
onde acabou por morrer  
sozinha.

O seu corpo  
tornou-se uma pedra,  
e tudo o que  
resta dela,  
é a sua voz,  
que ainda responde  
à última palavra  
daqueles que falam -  
o eco.

(NOVA CENA)

*Narciso*,  
retorna ao lago  
para falar  
com o seu amor.  
Ele contempla-o e  
inclina a sua cabeça  
para o beijar.

E, quando ele o faz,  
a imagem  
refletida nas águas  
imita o seu gesto,  
e beija-o de volta.

Tomando isto,  
como um sinal  
de amor recíproco,  
*Narciso*  
toca na água.

E nesse momento,  
a água mexeu,  
e a imagem desapareceu.

"Porquê, meu belo,  
porque te afastas  
de mim?"  
*Narciso* pergunta,  
"Com certeza,  
o meu rosto não  
merece ser repellido.  
As ninfas amam-me,  
e tu, tu também  
não pareces ser  
indiferente a mim.  
Quando eu estendo  
os meus braços  
para ti,  
tu estendes  
os teus de volta.  
Quando eu sorri  
para ti,  
tu também  
sorris para mim."

"Por favor não me deixes!"

Desesperado por  
não ter uma resposta,  
e assustado em tocar  
a água de novo,  
e ver o seu amor  
desaparecer na superfície  
da água, *Narciso*  
ficou quieto,  
imóvel,  
deitado junto ao lago,  
a olhar para a sua  
própria imagem.

Sem se mexer,  
sem comer,  
sem beber.  
Em sofrimento.

Incapaz de  
deixar a sua  
própria reflexão,  
*Narciso* afogou-se  
no lago.  
E nesse  
exato lugar, onde  
ele foi visto  
pela última vez,  
nasceu uma flor -  
o narciso.

E enquanto cresce,  
a flor, inclina-se  
para a água,  
para olhar  
para si própria,  
como *Narciso* fez.

Diz-se que *Eco*  
se manteve  
leal a *Narciso*,  
e que o seu espírito  
vem visitá-lo

ao lago,  
de tempos a tempos.

#### MÚSICA

"Horizon Aflame" de Neo Muyanga

#### PARTE II

#### VIII.

*Narciso*

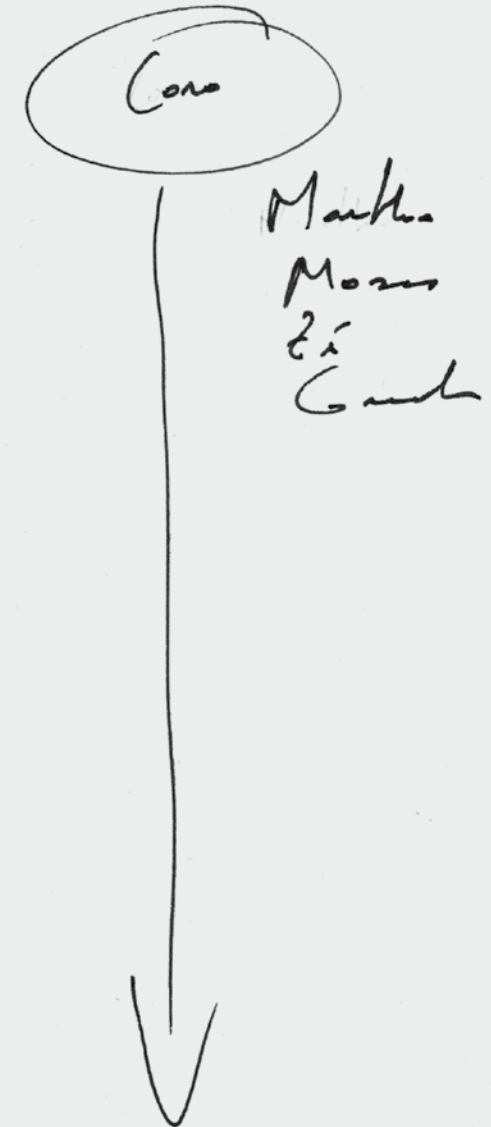
*Narciso* tornou-se  
uma metáfora  
para alguém que se vê a si  
e o seu próprio corpo,  
como os objetos de amor.

*Narcisismo*,  
*narcisismo* é  
o amor direcionado  
à imagem de si próprio;  
a excessiva admiração  
pela própria aparência;  
e a incapacidade de amar  
ou reconhecer outros,  
como objetos de amor.

*Narcisista*,  
*narcisista* é  
esta sociedade  
branca patriarcal  
na qual todos  
nós vivemos,  
que é fixada  
em si própria  
e na reprodução  
da sua própria imagem,  
tornando todos os outros  
invisíveis.

Eu, eu estou

Ni.



rodeada de imagens,  
que não espelham  
o meu corpo.  
Imagens de  
corpos brancos,  
com sorrisos perfeitos,  
sempre a olharem-se  
a si próprios,  
e a reproduzirem  
a sua imagem como  
o objeto ideal de amor.

Eu entro  
em bibliotecas  
em teatros,  
cinemas,  
museus,  
galerias  
e universidades,  
~~para homenagear~~  
~~o trabalho de artistas brancos.~~  
apenas para  
me encontrar  
rodeada das reflectidas  
imagens da branquitude.

~~Tudo ao meu redor,~~  
~~é a imagem reflectida da branquitude.~~

Sempre a olharem  
para si próprios  
e a reproduzirem-se  
a si próprios  
como o objecto  
ideal de amor.

Como Fanon escreveu:  
"Tanta brancura, que me queima ..." (MURMÚRIO /SUSSURRO)

IX.  
Há uma ilusão,

Uma ruptura.  
Um ruptura entre  
a realidade  
e a imagem.

É uma ruptura óptica,  
pois as imagens  
que eu vejo,  
não refletem  
a sociedade  
em que eu vivo.

E é uma ruptura política,  
pois a sociedade  
em que eu vivo  
não é reflectida  
nas imagens que  
eu vejo.

É uma ruptura  
entre objeto e imagem.

Um profundo  
narcisismo,  
que parece  
reduzir o mundo  
à imagem reflectida  
da branquitude.

MÚSICA  
Beats by Moses Leo

X.  
Neste narcisismo,  
pessoas marginalizadas  
dificilmente  
encontram imagens,  
símbolos ou

vocabulário  
para narrar a  
sua própria história,  
ou para nomear o  
seu próprio trauma.

Porque nas  
narrativas dominantes  
nós somos construídos,  
não só como o *Outro*,  
e como o *Outro do Outro* (Alteridade):  
a personificação  
do que a sociedade  
não quer ser.  
~~Nós tornamo-nos aquilo que o sujeito branco não quer ser.~~

Isto permite que  
a branquitude  
se construa como:  
ideal,                como ideal,  
~~decente,~~            como a norma,  
~~civilizada,~~        como a normalidade,  
~~honesto,~~            como o sinónimo de HUMANIDADE.  
~~limpa,~~  
~~generosa,~~  
~~emancipada,~~  
~~e liberal.~~  
~~— em absoluto controle da ansiedade~~  
~~que a sua história colonial possa causar.~~

Parece que estamos,  
de certa forma,  
a lidar com uma  
divisão interna do *Eu*,  
na qual o sujeito *branco*  
desenvolve duas atitudes  
em relação à realidade:

as partes boas do *Ego*,  
são vivenciadas  
como partes do *Eu*.  
E as partes más  
são projetadas

nos *Outros*,  
e vivenciadas como  
objectos externos *maus*.

O corpo negro,  
torna-se esse  
objecto *mau* externo,  
que incorpora o que  
a sociedade *branca*  
tornou taboo:  
a agressão e  
a sexualidade.

Nós tornamo-nos então  
a ameaça,  
o perigo,  
a violência,  
~~a agressividade,~~  
~~e problema,~~  
~~e caos,~~  
a sujidade,  
mas também  
o desejável,  
~~e sexual,~~  
~~e perverso,~~  
o excitante,  
o místico  
e exótico.

Nós tornamo-nos aquilo que não somos.

XI.  
Às vezes,  
sinto que vivo  
num espaço de  
intemporalidade.

Num espaço vazio.  
Num espaço onde  
o tempo não existe.

Eu sinto que vivo  
num espaço onde  
o passado interrompe  
o meu presente,  
e onde o presente  
é vivenciado como  
se eu estivesse  
no passado.

Eu vivo num espaço  
de intemporalidade.

Num espaço vazio.  
Num espaço branco.  
Numa infinidade branca.  
Num 'cubo branco'  $\rightarrow$   
~~que é mantido branco, por pessoas brancas.~~

Num 'cubo branco'  
que se apresenta  
ausente de cor  
e de significado.

Mas, branco,  
não é a ausência de cor,  
mas a acumulação  
de todas as cores.  
É a acumulação  
de todas as cores  
possíveis.  
De facto, negro preto  
é a ausência de cor.

*do Lata niger*  
*termo de normalidade colonial*  
*insulto: discurso racista*  
*a língua portuguesa... ?*  
*(in english: Black)*

Uma metáfora interessante, não é?  
A negritude é  
sempre vista,  
mas é ausente.  
A branquitude  
nunca se vê,  
mas está sempre

?

~~ni~~  
~~ni~~  
~~ni~~  
~~ni~~  
~~ni~~  
~~ni~~

presente.

Presente em  
todo o lado.

É um centro  
ausente.  
Está no centro  
de tudo, mas  
esta centralidade  
não é vista  
como relevante.

Nós vivemos  
num 'cubo branco'  
que se reproduz  
a si próprio  
como a norma e  
como a normalidade.

Ausente.  
Neutral.  
Universal.

XII.  
Mas, como disse,  
nós não podemos  
falar de Narciso,  
sem falar de Eco.

Quem é Eco?

Eco é o consenso branco.  
É ela quem repete,  
e quem confirma  
as palavras de  
Narciso.

Ela segue-o  
silenciosamente,  
e cada momento  
do seu silêncio,  
aplaude o discurso

de *Narciso*.

*Eco* é a personagem,  
que inocentemente,  
repete o que  
*Narciso* diz -  
alegando não ter que saber.

Não ter que saber,  
é um privilégio  
que nem todos nós temos.

MÚSICA  
Beats by Moses Leo

XIII.  
Bem, não é só,  
que não se sabe.  
Mas, que se tem  
o poder de não ter  
que saber.

Poderíamos  
chamar a isto  
uma *dupla ignorância*:  
não se sabe,  
e não se tem que saber.

Ou uma *tripla ignorância*:  
não se sabe,  
não se tem que saber,  
e, na verdade, não se deve saber.

Uma múltipla camada de ignorâncias.  
(SILENCE)

Fica então uma simples questão:

qual o papel que escolhemos ter?

O papel de *Narciso*, que não sabe.  
O papel de *Eco*, que não quer saber.  
A obediência de ambos,  
que não se deve saber.

Ou saber, o que há muito sabemos.

XIV.  
Assim,  
acabo com as mesmas palavras...

Fui convidada  
para vir aqui hoje.  
Mas, sinto que  
não há nada de novo,  
que eu possa dizer.

Muitas vezes eu sinto,  
que tudo já foi dito.

Sinto que  
já sabemos tudo,  
mas tendemos  
a esquecer,  
o que sabemos.

PERFORMANCE:

Performance (com um canal de Vídeo)

- \*32.BIENAL DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 21. NOVEMBER 2016
- \*TEATRO VILA VELHA, SALVADOR DA BAHIA, NOVEMBER 2016
- \*GOODMAN GALLERY, CAPE TOWN, 17. FEBRUARY 2017
- \*SAVVY GALLERY, BERLIN, 21. APRIL 2017
- \*DOCUMENTA 14, KASSEL, 29. APRIL 2017
- \*SERRALVES MUSEUM FOR CONTEMPORARY ART, PORTO, 30. JUNE 2017
- \*WIITE de WITT CONTEMPORARY ART, ROTTERDAM, 14 JULY 2017

Instalação de Vídeo ( 2 canais)

- \*GALERIA AVENIDA DA ÍNDIA, LISBON, 2017
- \*INTERNATIONAL FILM FESTIVAL ROTTERDAM, 2018
- \*GOODMAN GALLERY, JOHANNESBURG, 2018
- \*THE POWER PLANT, TORONTO, 2018
- \*GOODMAN GALLERY, CAPE TOWN, 2018
- \*E-FLUX AND PARTICIPANT INC., NEW YORK, 2018
- \*VERBIER ART SUMMIT, VERBIER, 2019
- \*WILFRIED LENTZ GALLERY, ROTTERDAM, 2019
- \*PAVILION FOR CONTEMPORARY ART MILANO, MILAN, 2019
- \*KADIST, PARIS, 2019















Grada Kilomba em  
Ilusões Vol. I, Narciso e  
Eco, 2017, no papel de  
contadora de história –  
Griot [in Illusions Vol. I,  
Narcissus and Echo,  
2017, in the role of  
storyteller – Griot]

ILLUSIONS VOL. I, NARCISSUS AND ECHO  
by GRADA KILOMBA (2017)

ENGLISH

30' 38"

Characters:

Narcissus	Moses Leo
Echo	Martha Fessehatzion
Narcissus' love	Zé de Paiva
Nymph	Grada Kilomba
Chorus	All four

Storyteller - Griot	Grada Kilomba
---------------------	---------------

Music composed by	Neo Muyanga
Beats composed by	Moses Leo

Last version:  
Berlin, 8 February 2018

1. INTRO  
I was invited  
to come here today.  
But, I actually feel  
there is nothing new  
I can say.

I often have this feeling  
that everything was already said.

And I often feel,  
that we all know  
everything already.  
We just tend  
to forget it.

This is why today,  
I want to tell you  
a story:  
the story of  
*Narcissus* and of *Echo*.

MUSIC  
Beats by Moses Leo

2. PART I

I.  
In the Greek mythology,  
*Narcissus* was a hunter,  
who was known  
for his beauty.

It was said,  
he had the most  
perfect body,  
the most perfect face,  
a perfect nose,  
perfect lips.

Entering the scene

Installing

Story telling

voice

Narcissus  
(Moses)

The most perfect skin,  
the most perfect hair.  
He was a perfect being,  
loved by many,  
but *Narcissus* loved no one.

(SILENCE)

He enjoyed  
praise and attention.  
He attracted  
many lovers,  
all of whom he  
briefly entertained  
before scorning and  
refusing them.  
In his eyes,  
no one was worthy of him  
and his beauty.

(SILENCE - WAIT FOR NEW SCENE)

*Nemesis*,  
the goddess of judgment,  
noticed his behaviour  
and cursed *Narcissus*:  
he should only  
love someone,  
who could never  
love him back,  
(SILENCE - WAIT FOR WHITE SCREEN)  
his own image.

II.  
But, the story of *Narcissus*  
cannot be told without  
the story of *Echo*.

(SILENCE - WAITING FOR ECHO)

In the Greek mythology  
*Echo* was a beautiful nymph,  
who lived on the mountain.

*Echo* had a failing though,  
she was fond of talking,

*Echo*  
(Mouth)



and would always  
interrupt others,  
or have the last word.  
She knew everything better.

One day, the goddess  
*Hera* was seeking  
her husband, *Zeus*,  
who she had reason to fear,  
was amusing himself  
among the nymphs.

*Hera* became suspicious,  
and followed *Zeus*,  
in an attempt  
to catch him.

However, *Echo*  
trying to protect him,  
engaged *Hera* in  
a long long conversation,  
interrupting her and  
speaking until  
the nymphs made  
their escape -  
giving time to *Zeus*  
to evade her.

When *Hera*,  
realised this,  
she cursed *Echo*  
to not speak again,  
removing her voice,  
with the exception that  
she could only repeat  
the last few words  
she hears.

"Now, go!" shouted *Hera*.

*Echo* tried to plead  
for forgiveness,  
but all she could say were  
the last words of *Hera*:  
"Go".

(SILENCE - WHITE SCREEN)

Poor *Echo* wandered  
through the forest alone,  
sad and desperate.

MUSIC  
BEATS BY MOSES LEO

III.  
Until one day,  
she saw a beautiful man,  
named *Narcissus*,  
who was hunting  
in the woods.

*Echo* felt deeply  
in love with him.  
She contemplated him.  
And she longed  
to tell him  
about her love,  
but as she was  
unable to speak,  
she could only follow  
his footsteps,  
and waited in the woods -  
expecting the moment  
he would speak.

What *Echo* did not know  
was that, *Narcissus*  
ignored those around him,  
And disdained those  
who loved him.

IV.  
In love,  
*Echo* longed to  
tell *Narcissus*  
about her deep affection.

So, she kept following him

in the woods,  
Hiding and waiting  
For the moment,  
to speak to him.

As *Echo* was cursed by *Hera*,  
she had her voice removed,  
and could only speak the last  
few words she hears.

So, *Echo* waited  
impatiently for  
*Narcissus* to speak first,  
and had her answer ready,  
in the hope of hearing  
his voice.

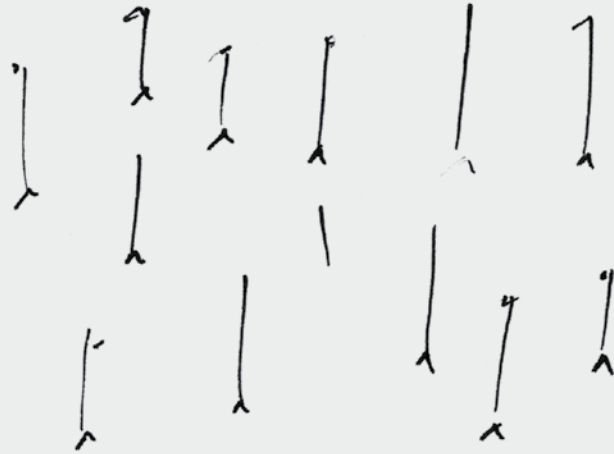
MUSIC  
"HORIZON AFLAME (MIXED)" BY NEO MUYANGA

V.  
But, *Narcissus*  
had also been cursed by  
the goddess *Nemesis*,  
who attracted him  
to a lake,  
with waters like  
silver blue.

And there came  
*Narcissus*,  
heated and  
thirsty,  
followed by *Echo*.

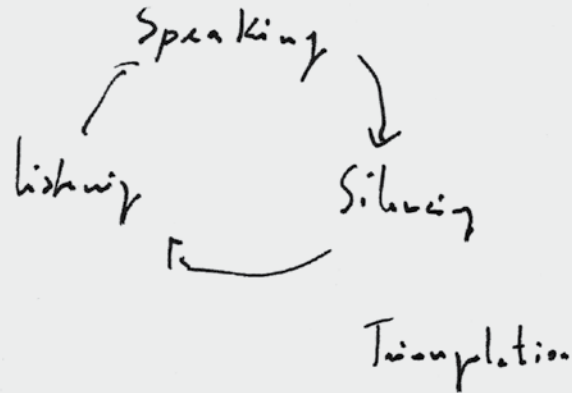
As he sat by  
the lake  
and leaned over  
the water  
to drink,  
suddenly  
he saw his own image  
mirrored at the surface

## A Forest of Microphones



## DANCE

Martina & Moya



of the water.

Perfection.  
Absolute perfection.

He stood gazing himself with admiration,  
this face,  
this lips,  
this nose,  
these eyes,  
this skin,  
this hair.  
so perfect.  
so beautiful.

(SILENCE)

Never before he had seen  
such a beautiful creature.  
The beauty was such,  
that he thought it might  
be a water-spirit  
living in the lake.

*Narcissus* fell in love,  
not realising  
it was merely  
his own image.

He fell in love with  
his image reflected  
on the water.

(SILENCE)

And *Echo*, who could  
not reach *Narcissus*  
with her own words,  
remained hidden in silence -  
forced to see *Narcissus*  
falling in love  
with himself.

VI.

*Narcissus* could not look away.  
He was fascinated.

Narcissus and his love  
(Moya and E)

So, he spoke to the image:

"Who are you?"

Echo given the opportunity,  
repeated his words.

"You!" "You!" "You!"

He spoke again:

"Who are you, my beauty?"

Echo replied.

(SILENCE)

"I have never seen  
such a beautiful creature!"  
he said,

"You are beautiful my love!"

Echo repeated his words  
once again.

"My Love!" "My Love!" "My Love!"

Narcissus was now sure  
the image had spoken  
back to him.

MUSIC

"HORIZON AFLAME" BY NEO MUYANGA

VII.

He called again:

"Come to me, my love"

„My love!"

Echo answered  
with all her heart  
in the same words.

And rushed/ran to Narcissus.

But, Narcissus,  
who thought the  
replies he heard  
came from the image  
on the water,  
looked at Echo

with surprise,  
and became furious.

"Hands off!", he said.

"I would rather die than  
you should have me!"  
and turned his back on her.

(WAIT FOR ECHO IMAGE)

Humiliated Echo left in despair,  
her heart was broken.

She ran away to  
the mountains,  
to hide in the  
recesses of the woods,  
where she died.

Her body became a stone,  
and all that remained  
was her voice,  
which still replies  
when others speak  
- the echo.

(BACK TO NARCISSUS)

Narcissus reached  
the lake again,  
to see his love.  
He contemplated him,  
and bent down his head  
to kiss him.

And, as he did so, the  
reflection mimicked  
his actions, and kissed  
him back.

Taking this as a sign  
of reciprocal love,  
Narcissus touched  
the water.

But, suddenly  
the water displaced,  
and the vision

DANCE

Moses and his  
fell in love

disappeared.

"Why, beautiful being,  
why do you shun me?"  
he said,  
"Surely my face is not  
one to repel you.  
The nymphs love me,  
and you yourself  
look not indifferent  
upon me.  
When I stretch  
forth my arms,  
you do the same;  
and when I smile to you,  
you smile upon me."

"Please do not leave me!"

Desperate for not having  
an answer, and frightened  
to touch the water again,  
and to see his love  
disappearing from  
the water surface,  
*Narcissus* laid  
still by the lake  
gazing into his own image.

He did not move,  
he did not eat,  
he did not drink.  
He only suffered.

Unable to leave his  
own reflection, *Narcissus*  
drowned in the lake.  
And on the very  
same place, where  
he was last seen,  
a flower has grown -  
the narcissus.

And as it grows,  
it leans to the water,  
to look at itself.

It is said that *Echo*  
remained loyal to *Narcissus*,  
and that her spirit  
visits him  
on the lake  
from time to time.

MUSIC

"Horizon Aflame" by Neo Muyanga

PART II

VIII.

*Narcissus*,  
*Narcissus* became  
a metaphor  
for someone who takes itself  
and its own body,  
as the object of love.

*Narcissism*,  
*narcissism* is the  
love directed towards  
the image of oneself,  
it is the excessive admiration  
of one's self appearance,  
and the incapacity to love  
or acknowledge others  
as objects of love.

*Narcissistic*,  
*narcissistic* is this  
white patriarchal society  
in which we all live,  
that is fixated in itself  
and in the reproduction of  
its own image,  
making all the others  
invisible.



I,  
I am surrounded  
by images  
which do not mirror  
my body.  
Images of white bodies,  
with perfect smiles,  
always gazing at themselves  
and reproducing themselves  
as the ideal object  
of love.

I enter libraries,  
theatres,  
cinemas,  
museums,  
galleries,  
and universities  
~~only to pay tribute to  
the work of white artists.~~  
only to find myself  
surrounded by  
the reflected image  
of whiteness.

Always gazing at itself  
And reproducing itself  
as the ideal object of love.

As Fanon said: ((WAIT FOR THE WHITE IMAGE))  
"All this whiteness, that burns me..." (WHISPERED)

IX.  
There is an illusion,  
a disruption.  
A disruption between  
the reality  
and its mirrored image.

An optical disruption,  
because the images I see,  
do not reflect the society  
in which I live.

A political disruption,  
because the society  
in which I live is not  
reflected on the  
images, I see.

There is a disruption  
between object and image.

A profound narcissism  
that seems to reduce the world  
into the reflected image  
of whiteness.

MUSIC  
Beats by Moses Leo

X.  
(BEATS CONTINUE - END - VOICE)  
Within such narcissism,  
marginalised people  
hardly find images,  
symbols or vocabulary to  
narrate their own history or  
to name their own trauma.

Because in the  
dominant narratives,  
we are constructed  
not only as the Other,  
but also as Otherness -  
the personification  
of what the society  
does not want to be like.

This allows whiteness  
to construct itself as  
ideal, as the ideal

decent,  
civilised,  
honest,  
clean,  
generous,  
emancipated,  
and liberal.  
~~— in complete control of the anxiety  
its colonial history causes.~~

It seems the *white* subject is  
somehow divided within itself,  
for it develops  
two attitudes  
towards reality:  
the 'good parts' of the ego  
are experienced as being the self;

the 'bad parts' are projected  
onto the *Others*, and experienced  
as external *bad* objects.

The Black body,  
becomes then  
the external *bad* object,  
that embodies what  
the *white* society  
has made taboo:  
aggression and sexuality.

We become then  
the threatening,  
the dangerous,  
the violent,  
the aggressive,  
the problematic,  
the chaotic,  
the dirty,  
but also,  
the desirable,  
the perverse,  
the sexual,  
the exciting,  
the mystic,  
and the exotic.

We become what we are not.  
~~We become what the white society does not want to be like.~~

XI.  
Sometimes,  
I feel that I live in a  
space of timelessness.

In an empty space.  
A space where time  
seems not to exist.

I feel that I live in  
a space where the past  
interrupts my present,  
and where the present  
is experienced as if  
I was in the past.

I live in a space of timelessness.

An empty space.  
a white space,  
a white infinity  
a 'white cube'.

A 'white cube'  
that presents itself as  
absent of color  
and of meaning.

White, however,  
is not the absence of colour,  
but the sum of all colours.  
It is the accumulation  
of all possible colours.

In fact, Blackness  
is the absence of colour.

An interesting metaphor, isn't it?  
Blackness is always seen,  
but absent.

Whiteness is never seen,  
but always present.

Present in all spaces.  
It is an absent center.  
It is at the center of everything.  
But, this centrality is not seen  
as relevant.

We live in a *white cube*  
that presents itself  
as unmarked.  
Absent.  
Neutral.  
Universal.

XII.  
But, as I said,  
we cannot talk about  
*Narcissus* without  
talking about *Echo*.

Who is *Echo*?

*Echo* is the *white* consensus.  
She is the one who repeats  
and confirms the  
words of *Narcissus*.

She follows him silently,  
and each moment  
of her silence,  
supports *Narcissus'*  
sentences.

*Echo* is the character,  
that 'innocently',  
repeats *Narcissus* words  
claiming not having to know.

*Knowing, but not having to know*  
is a privilege  
that not all of us have.

MUSIC  
Beats by Moses Leo

XIII.  
Well, it is not only that  
one does not know.  
But, that one has  
the power not having to know.

We could call this  
a *double ignorance*:  
one does not know,  
and one does not have to know.

Or a *triple ignorance*:  
one does not know,  
one does not have to know,  
and one should not know.

A multiple layer of ignorances.  
(SILENCE)

It remains then a simple question:  
which role do we choose to play?

The role of *Narcissus*,  
not to know.  
The role of *Echo*,  
not wanting to know.  
Their *obedience*,  
that we should not know.  
Or knowing,  
what we since long know.

XIV.  
So,  
I finish with the exact same words.

I was invited to come here today,  
but I feel there is nothing new  
I can say.

I do often have the feeling  
that everything was already said.

And I often feel that  
we all know everything already,  
we just tend to forget it.

Performance:

- \*32.BIENAL DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 21. NOVEMBER 2016
- \*TEATRO VILA VELHA, SALVADOR DA BAHIA, NOVEMBER 2016
- \*GOODMAN GALLERY, CAPE TOWN, 17. FEBRUARY 2017
- \*SAVVY GALLERY, BERLIN, 21. APRIL 2017
- \*DOCUMENTA 14, KASSEL, 28. APRIL 2017
- \*SERRALVES MUSEUM FOR CONTEMPORARY ART, PORTO, 30. JUNE 2017
- \*WIITE de WITT CONTEMPORARY ART, ROTTERDAM, 14 JULY 2017

Two Channel Video Installation:

- \*GALERIA AVENIDA DA ÍNDIA, LISBON, 2017
- \*INTERNATIONAL FILM FESTIVAL ROTTERDAM, 2018 (Screening)
- \*GOODMAN GALLERY, JOHANNESBURG, 2018
- \*THE POWER PLANT, TORONTO, 2018 (Screening)
- \*GOODMAN GALLERY, CAPE TOWN, OCTOBER 2018
- \*E-FLUX AND PARTICIPANT INC., NEW YORK, DECEMBER 2018
- \*VERBIER ART SUMMIT, VERBIER, FEBRUARY 2019 (Screening)
- \*WILFRIED LENTZ GALLERY, ROTTERDAM, FEBRUARY 2019
- \*PAVILION FOR CONTEMPORARY ART MILANO, MILAN, MARCH 2019
- \*KADIST, PARIS, APRIL 2019
- \*SOLOMON R.GUGGENHEIM MUSEUM, NEW YORK, APRIL 2019 (Screening)
- \*PINACOTECA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, JULY 2019



**Ilusões vol. II**  
**Édipo**

**Illusions vol. II**  
**Oedipus**

páginas 82 e 84  
vista da instalação  
[installation view],  
10ª Bienal de Berlim  
[10th Berlin Biennale],  
2018

página 86  
vista da instalação  
[installation view],  
Goodman Gallery,  
Cidade do Cabo  
[Cape Town], 2018









ILUSÕES Vol. II ÉDIPO  
De GRADA KILOMBA (2018)

PORTUGUÊS

45' 26"

Personagens:

<i>Jocasta</i>	Martha Fessehatzion
<i>Laio</i>	Errol Trotman Harewood
<i>Édipo</i>	Moses Leo
<i>Mensageiro de Laius</i>	Zé de Paiva
<i>Mensageiro de Políbio</i>	Zé de Paiva
<i>Esfinge</i>	Grada Kilomba
<i>Tirésias</i>	Sara-Hiruth Zewde
<i>O Coro</i>	Kalaf Epalanga, Martha Fessehatzion, Errol Trotman Harewood, Moses Leo, Grada Kilomba, Tito Casal, Sara-Hiruth Zewde
<i>A Contadora de Histórias</i>	Grada Kilomba
<i>Música composta por</i>	Neo Muyanga

Última Versão:  
Berlim, 3 Abril, 2018

## I. INTRODUÇÃO

Existem partes da nossa história que nos parecem absolutamente incompreensíveis.

Por vezes, queremos saber a verdade e, no entanto, a verdade parece-nos tão irracional, tão difícil de compreender.

Penso que não há nada mais traumático do que lidar com o irracional.

Lidar com o facto de que não se pode aplicar nenhuma razão à verdade.

Eu quero contar-vos uma história, uma história irracional.

Uma história que talvez explique algumas destas partes da nossa história, que parecem tão incompressíveis.

É a história de Édipo.

## MÚSICA

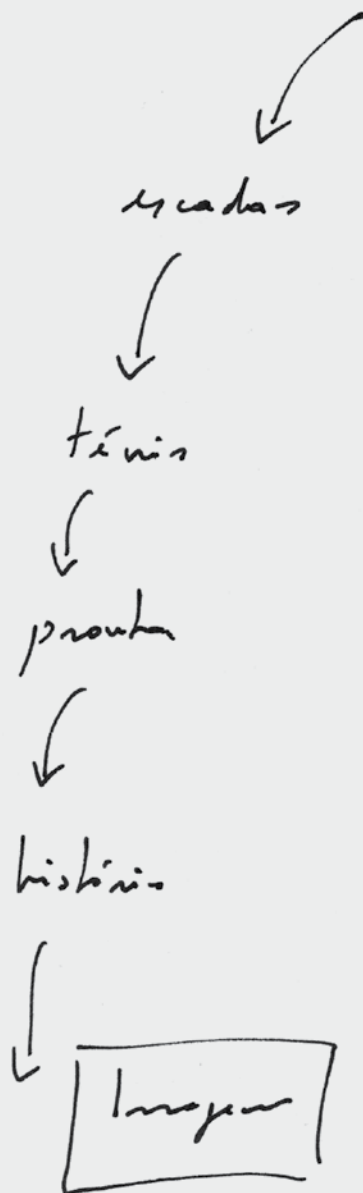
"Narratives of Hate" (#1, apenas o coro), de Neo Muyanga

Action

I.  
Esta é uma história trágica.

Esta é uma história que começa com um homem assustador:  
Laio.

Laio,  
o rei de Tebas,



que casara com a rainha *Jocasta*, com quem governava o reino.

Os dois desejavam crianças, mas, durante muito tempo, não tiveram nenhuma. Por isso, *Laio* decidiu aconselhar-se com o oráculo de Delfos, para saber a verdade.

(Errol bate com o pau no chão)

O oráculo dos deuses escutara o pedido do rei e aconselhara *Laio* a não ter nenhuma criança, pois, se tivesse, o filho que lhe nascesse tornar-se-ia o assassino de seu pai.

(Esperar por Sara)

"Essa criança matar-te-á." disse o oráculo.  
"Essa criança casará com a sua própria mãe."

(Errol levanta-se, o banco/trono cai)

*Laio* ficou enfurecido com a ideia de que, eventualmente, o seu filho, ainda por nascer, lhe tiraria a vida e o trono.

Mas, não muito depois desta assustadora profecia, *Jocasta* engravidou e *Laio* em breve se tornaria o pai daquele que mais temia - o seu próprio filho.

## II.

Já antes do nascimento a pequena criança estava predestinada a morrer. Pois *Laio* não permitia que ele vivesse ou existisse.

E *Jocasta*, a mãe, viu-se forçada a concordar com a sentença de morte.

Uma pequena criança  
exposta a um destino  
tão difícil de  
compreender.

(Moses começa a movimentar-se no chão)

III.

Quando a criança  
nasceu, *Laio*,  
temendo a profecia,  
perfurou cruelmente  
os tornozelos da criança  
e exigiu que o seu  
mensageiro a levasse  
para morrer ao sol,  
na montanha.

(Moses feto, é enrolado de sangue por  
Errol e por Martha - Neo chora... coro)

MÚSICA

"Narratives of Hate" (versão completa), de Neo Muyanga

IV.

Mas o mensageiro  
não obedeceu  
ao rei.

(Zé carrega o Moses para fora da imagem)

Ele sentiu  
pena da criança  
por isso, pegou nela  
e, secretamente,  
entregou-a ao  
mensageiro de *Políbio*,  
o rei de Corinto.

*Políbio* e a sua esposa,  
a rainha *Peribeia*,  
decidiram criar  
a criança  
no seu palácio,  
como se fosse  
filha de ambos.

Ela curou-lhe  
os calcanhares  
e deu à criança  
o nome de *Édipo*,  
aquele que tem os pés inchados.

V.

A criança cresceu.

(Sara instala a 'encruzilhada')

E, um dia,  
durante um banquete  
no palácio,  
um convidado embriagado  
começou a insinuar  
que *Édipo* não sabia  
quem realmente era  
e que ele não era  
o filho verdadeiro  
de *Peribeia* e *Políbio*.

*Édipo* ficou preocupado  
com as insinuações  
e questionou a mãe,  
mas ela não se atreveu  
a dizer-lhe a verdade.

Apesar das falsas  
garantias da mãe,  
*Édipo* queria saber  
quem realmente era.

Assim, ele foi a Delfos  
perguntar quem eram os seus verdadeiros pais.

O oráculo dos deuses  
não respondeu sobre  
a sua herança,  
oferecendo-lhe,  
em vez disso,  
uma profecia.

A profecia era que:  
um dia,  
ele mataria o seu pai  
e casaria com a sua mãe.

VI.

Ouvindo isto,  
e acreditando que  
tinha nascido  
daqueles que se dizia  
serem os seus pais,

(Moses corrida lateral, camera lenta)

ele correu,  
correu e correu,  
ele correu tão  
depressa quanto podia,  
tentando fugir  
à sua profecia.

Correu na direcção de Tebas.

E, no caminho,  
ao passar por Fócida,  
encontrou um  
grupo de homens,  
que vinham na  
direcção oposta,  
numa estreita encruzilhada  
de três caminhos.

VII.

Mas, o homem mais  
velho do grupo  
não deixou *Édipo* passar.

(Errol e Moses lutam. Neo - drumming)

Eles envolveram-se  
numa violenta  
discussão sobre  
quem poderia passar primeiro  
e quem deveria deixar passar.

O homem mandou  
os seus arautos  
atacarem *Édipo*.

Em sua defesa, *Édipo*  
matou-os todos,  
excepto um,  
que fugiu.

Ele matou o  
homem mais velho,  
sem saber que era  
o rei *Laio*,  
o seu pai.

MÚSICA

"Narratives of Hate" (#2, apenas percussão), de Neo Muyanga

VIII.

*Jocasta*  
esperou *Laio*,  
que não voltou  
da sua viagem.

(Martha no seu trono)

E o seu irmão,  
*Creonte*, aproveitou

a oportunidade  
para ocupar o trono.

Durante este tempo,  
a cidade estivera  
à mercê da *Esfinge*,  
que castigava a cidade  
por algo terrível  
que fora cometido  
em tempos.

Muitos morreram  
nas mãos da *Esfinge*.

Desesperado,  
*Creonte* proclamou que daria ambos:  
o trono  
e a mão de sua irmã,  
a viúva do rei *Laio*,  
*Jocasta*,  
a quem resolvesse  
o enigma da *Esfinge*  
e libertasse a cidade  
de tão terrível ameaça.

IX.

A *Esfinge*  
era um monstro.

(Grada entra, senta-se no alto da porta)

Tinha rosto de mulher,  
corpo de leão,  
e asas, como um pássaro.

A deusa *Hera*  
colocara a *Esfinge*  
mesmo às portas  
de Tebas.

E ela comeria  
todos aqueles  
que não dessem a  
resposta correcta ao seu enigma.

*Édipo* chegara finalmente  
às portas da cidade.

A *Esfinge* olhou *Édipo*  
e, como sempre,  
falou o seu enigma  
que tinha aprendido  
das Musas:

"O que é,  
que tem uma só voz,  
tem quatro pés de manhã,  
dois pés à tarde,



e três pés à noite?"

*Édipo*  
pensou cuidadosamente  
e deu a sua resposta.

Ele disse:  
"Um ser humano."

"Um ser humano,  
que gatinha a quatro  
patas enquanto bebé;  
caminha em duas pernas  
quando adulto;  
e usa uma bengala,  
como terceira perna,  
em idade avançada."  
- ele disse.

Esta era a resposta correcta ao enigma.

A *Esfinge*,  
tendo o seu enigma resolvido,  
atirou-se do penhasco mais alto,  
a Acrópole.

E *Édipo*  
entrou na cidade de Tebas.

X.  
*Édipo*  
foi celebrado  
e declarado herói  
e, como prometido,  
casou com a  
rainha *Jocasta*,  
tornando-se *Édipo Rex*,  
o rei de Tebas.

(Martha e Moses dançam juntos)

Tiveram quatro filhos:  
*Polínice*, *Etéocles*,  
*Isménia* e *Antígona*.

MÚSICA  
"Narratives of Hate" (#3 apenas piano), de Neo Muyanga

XI.  
Eles governaram durante anos.  
Mas, uma nova praga  
ameaçou a cidade  
uma vez mais.

(Todos actorxs no chão cobertos de  
sangue)

Pessoas morriam  
nas ruas,  
umas atrás das outras,  
e pelo chão estavam  
corpos estendidos,  
mortos.

"Qual é o significado de tudo isto?  
Qual é o significado desta tragédia?"  
perguntou *Édipo*.

"Eu vim ver,  
com os meus próprios olhos!  
Eu, a quem chamam:  
*Édipo, o Grande*.  
Eu quero saber a verdade.  
Eu quero saber  
porque morre  
o meu povo,  
nas ruas do  
seu próprio reino!  
Uns atrás dos outros,  
como cães."

"Enviei o irmão  
da minha esposa *Jocasta*  
ao templo de *Apolo*,  
em *Pythien*, para saber  
qual a causa  
deste sofrimento.  
Eu, pessoalmente,  
conto os dias,  
esperando que  
ele regresse  
com a resposta."

Quando *Creonte* chegou,  
relatou que lhe foi dito  
que o assassino  
de *Laio* vivia,  
impune,  
na cidade de Tebas  
e que o deus *Apolo*  
não retiraria a sua  
maldição enquanto  
o assassino não fosse  
encontrado,  
banido ou  
morto.

XII.  
*Édipo*  
falou ao seu povo  
em frente ao palácio.

(O coro inteiro, movimento espelho, Kalaf)

"Laio, um homem  
que eu nunca vi!  
O seu assassino  
está entre nós.  
Quem o poderia ter feito?  
Vocês devem  
dizer-me a verdade!"

E no entanto,  
havia alguém  
que podia revelar tudo.

O profeta cego,  
*Tirésias*,  
conhecido por ler  
o oráculo dos deuses.

XIII.

"*Tirésias*,  
tu és o nosso  
último refúgio, profeta!

(Sara retira todos os bancos/tronos)

Necessitamos  
da tua ajuda,  
necessitamos  
saber a verdade.  
Por favor, não nos escondas a verdade.

Salva-nos, profeta!  
Salva o meu reino!  
O meu povo!  
Salva-nos desta morte!"

"Peço-te, por favor, que não nos negues o que sabes!"

Mas *Tirésias*  
recusou falar e,  
em vez disso, disse  
a *Édipo* que  
preferia salvá-lo  
da dor da verdade.

"Não, eu quero saber a verdade!  
Como te atreves  
a abandonar-nos neste desespero?"  
- falou *Édipo*.

"Nós precisamos de saber!  
Precisamos responder  
a esta tragédia.  
O meu povo está a morrer!  
O meu reino está a desmoronar-se.  
Eu insisto!  
Eu insisto que nos digas o que sabes!"

*Tirésias*

disse a *Édipo* que  
ele mesmo tinha  
matado um homem,  
do qual procurava  
o assassino.

"O quê?  
Impossível!  
Eu nunca vi *Laio*,  
O rei predecessor.

Eu sou um bom rei!  
Eu sou um homem que vive na luz!"

*Tirésias* replicou  
que *Édipo* era um homem  
que podia ver mas,  
era cego.

Um homem que  
não estava ciente  
de quem, na realidade, era.

Não estava ciente  
de que poderia não ser  
o filho dos seus pais,

e não estava ciente  
de que não era o pai  
dos seus próprios filhos.

Ele era  
o rival e  
o assassino  
do seu próprio pai.

Pouco a pouco,  
*Tirésias*  
desmantelou  
todo o reino.

XIV.

*Jocasta*  
veio em sua defesa:

(*Martha e Moses*)

"Eu não entendo.  
Porque não deverias ser  
o pai dos nossos filhos?  
E porque teria  
o rei precedente  
sido morto por ti?"

*Édipo* confessou  
que tinha cometido  
um crime  
há muito tempo atrás;

e que existia  
uma profecia,  
a razão por que  
tinha abandonado  
Corinto.

"Na realidade,  
houve um assassinio."  
- disse ela.  
Mas um assassinio  
cometido por  
vários homens,  
numa encruzilhada  
de três caminhos,  
há muito tempo atrás.

E devo confessar  
que existia uma  
profecia,  
que *Laio* seria morto  
pelo seu próprio filho,  
mas o nosso filho  
foi sentenciado à morte  
pelo próprio *Laio*"  
- disse ela.

*Édipo* apercebeu-se  
do que estava a ser dito.

E, no entanto,  
estas confissões  
não podiam ser prova  
das palavras de *Tirésias*.

Assim, *Édipo*  
pediu que o  
mensageiro de *Laio*,  
e único sobrevivente,  
fosse procurado e  
trazido ao palácio  
imediatamente.

XV.  
Mas o mensageiro  
de Corinto entra  
inesperadamente no palácio.

Ele traz notícias tristes.  
*Políbio*, o pai de *Édipo*  
e rei de Corinto,  
morrera.

E a sua mãe,  
a rainha *Peribeia*,  
pede que *Édipo* regressasse,  
para reinar.

(Zé e Zé com missangas)

*Jocasta*  
está aliviada:  
"Estava doente de medo",  
diz ela.  
"Mas essa profecia  
de que matarias o  
teu pai é errada!  
O teu pai acaba de morrer!"

O mensageiro explicou  
que *Políbio*  
não era o seu pai.  
*Édipo* tinha-lhe  
sido dado e ele próprio  
o tinha levado ao palácio  
de Corinto.

"Havia um outro homem",  
respondeu o mensageiro  
"um homem que te levou  
para a montanha  
e a quem foi ordenado  
deixar-te morrer,  
mas ele deu-te a mim.  
Para te salvar."

O segundo mensageiro,  
finalmente, aparece  
para confirmar o que  
o primeiro disse.

"Eu dei-te a ele.  
Precisamente a este homem."

"Os teus pais  
entregaram-te a mim,  
mas eu não te pude  
deixar morrer.  
Peguei em ti  
nos braços  
e dei-te,  
secretamente."

"Levei-te, para te salvar da morte."

XVI.  
Horrorizados,  
ambos tiveram  
de perceber  
que eram  
Esposa e marido.

Mãe e filho.

Uma só carne.

(Moses nasce de dentro da Martha, pano abre)

Jocasta  
correu para o palácio  
e matou-se.

Édipo encontrou-a  
e perfurou  
os seus  
próprios olhos,  
para não voltar  
a ver.

XVII.  
Jocasta's Suicide (Martha e Moses, papel preto)

MUSIC  
"Narratives of Hate" (#1, apenas coro), de Neo Muyanga

XVIII.  
Esta história (Foto de família - nação)  
pode ser contada  
de várias formas.

Édipo é uma história trágica,  
que tem sido principalmente contada  
como uma história freudiana de desejo:

O desejo da criança  
pelo progenitor  
do sexo oposto  
e a sua hostilidade  
em relação ao progenitor  
do mesmo sexo.

O chamado complexo de Édipo.

Mas isto não pode  
explicar a realidade  
de uma grande parte de nós:

O conceito  
teria de ser alargado,  
pois, por exemplo,  
na ~~homossexualidade~~ LGBTQI,  
o objecto do amor  
não é o outro sexo,  
mas o semelhante.

E, em termos de género,  
as mulheres  
começam a sua vida  
numa relação ~~homossexual~~ queer.

Pois, a mãe  
é o primeiro objecto  
de amor e  
de desejo.

~~Assim, as coisas parecem ser mais dimensionais.~~

A história de Édipo  
não é apenas uma  
história de desejo.  
Mas também uma história  
de genocídio,  
violência  
e lealdade.

Esta é uma história  
que nos diz muito sobre  
uma violência sem igual  
contra o povo negro  
e outros  
grupos marginalizados.

Esta é uma história  
que nos diz muito sobre  
a horrível tradição  
de exterminação  
E assassinio  
de pessoas negras.

O chamado *Genocídio Negro*.

XIX.  
Édipo, (Moses corre, frente, até exaustão, slow)  
filho do rei de Tebas,  
que quase foi morto  
pelos próprios pais,  
não tinha intenção  
de matar o seu pai.  
Mas fê-lo,  
sem saber.

Foi o pai  
que viu a criança  
como um rival e que,  
em primeiro lugar,  
planeou matá-la.

Édipo  
encontra-se  
num conflito edipiano:  
ser morto pelo pai  
ou ser ele a  
matar o pai.

Um conflito simbólico  
que expõe a rivalidade



no seio de uma  
relação patriarcal.

Os freudianos  
entenderam  
este conflito apenas  
no seio da família.

Foi dito que  
a criança luta  
com a autoridade masculina  
para se preparar para as  
exigências de competitividade  
e agressividade  
da vida adulta.

E, no entanto,  
para ser leal  
à lei e  
à autoridade  
que um dia irá  
representar.

Mas esta fixação  
na família (branca)  
ignora as  
dimensões históricas  
e políticas  
deste conflito.

Porque, no seio  
de uma relação colonial,  
por mais que as  
pessoas marginalizadas  
obedeçam à lei,  
nós raramente  
nos tornamos  
a autoridade legal,  
em vez disso,  
tornamo-nos,  
os que são punidos  
e assassinados pela própria lei.

Assim, Fanon escreve:  
"A família é  
uma miniatura da nação.  
E, porque  
as famílias colonizadas  
não espelham  
as nações coloniais,  
as nossas neuroses  
não surgem no seio  
das nossas próprias famílias,  
mas no contacto  
com a violência do mundo branco."  
- que é tão irracional.

XX.  
Mas como é que (Foto de família , modifica-se)  
os nossos corpos  
se tornam o espaço  
onde a violência e o assassinio  
são praticados tão gratuitamente?

Bem, para escapar  
à terrível competição  
com a figura patriarcal,  
no contexto colonial,  
o sujeito branco  
apresenta-se como  
a criança simbólica,  
cujo trono  
está a ser ameaçado  
pelos *Outros*,  
que têm de ser destruídos.

O pai temido,  
rival e  
competidor  
é, assim,  
substituído pelo *Outro*.

E este torna-se  
o temido e  
simbólico rival  
que ameaça a  
criança simbólica -  
o sujeito branco,  
que imita (e protege) o patriarcado.

Isto garante  
acesso ao poder  
e permite que  
sentimentos positivos  
em relação à família  
e à nação  
permaneçam intactos. (lealdade)

Assim,  
as fantasias assassinas  
do conflito edipiano  
e o desejo inconsciente  
de matar e destruir  
a figura patriarcal  
são reprimidas  
e praticados,  
gratuitamente,  
nos corpos marginalizados.

Os corpos negros  
tornam-se o espaço  
de performance  
para o insulto,  
humilhação,  
castigo,  
encarceramento,

violência  
e assassinio.

Nós vivemos num *cubo branco* (*white cube*),  
que tem uma relação muito problemática com a *negritude*.

XXIII.  
"Que mais poderia isto ser para mim, (Coro)  
se não uma amputação,  
uma exclusão,  
uma excisão,  
uma hemorragia  
que salpica todo o meu corpo  
com sangue *negro*?"  
- disse Fanon.

Ele usa a  
linguagem do trauma  
apontando para  
o impacto físico doloroso,  
e a perda, característicos  
de um colapso traumático.

Porque, no racismo,  
é-se cirurgicamente removido,  
violentamente separado  
de qualquer identidade  
que, na realidade,  
se possa ter.

Um choque,  
um choque violento.  
Violento,  
não porque inesperado,  
mas porque é tão desumano.

Coloca-nos fora da Humanidade.

XXII. (Todxs... final dance)  
Existem partes  
da nossa história  
que parecem tão  
incompreensíveis.

Irracionais.

Eu penso que não há nada  
mais traumático do que  
lidar com o irracional.

Lidar com o facto de que  
não se pode aplicar

razão nenhuma  
à verdade.

Mas no racismo  
não existe  
nenhum consenso  
ao nível da razão.

Tudo sobre ele é irracional.  
Tudo.

Não há nada que  
eu mais deseje  
do que libertar-me  
desta irracionalidade.

Tradução do Inglês de Júlia Correia.

















ILLUSIONS Vol. II OEDIPUS  
by GRADA KILOMBA (2018)

ENGLISH

45' 26"

Characters:

<i>Jocasta</i>	Martha Fessehatzion
<i>Laius</i>	Errol Trotman Harewood
<i>Oedipus</i>	Moses Leo
<i>Laius Herald</i>	Zé de Paiva
<i>Polybos Herald</i>	Zé de Paiva
<i>Sphinx</i>	Grada Kilomba
<i>Theiresias</i>	Sara-Hiruth Zewde
<i>The Chorus</i>	<i>Kalaf Epalanga, Martha Fessehatzion, Errol Trotman Harewood, Moses Leo, Grada Kilomba, Tito Casal, Sara-Hiruth Zewde</i>
Storyteller	Grada Kilomba
Music composed by	Neo Muyanga

Last Version:  
Berlin, 3. April. 2018

I. INTRO

There are pieces in our history that seem quite incomprehensible.

Sometimes we want to know the truth, and still, the truth seems so unreasonable, so difficult to comprehend.

I think there is nothing more traumatic than dealing with the unreason.

Dealing with the fact that one cannot apply any reason to the truth.

I want to tell you a story, an unreasonable story.

A story that might explain some of these pieces in our history that seem so incomprehensible.

It is the story of Oedipus.

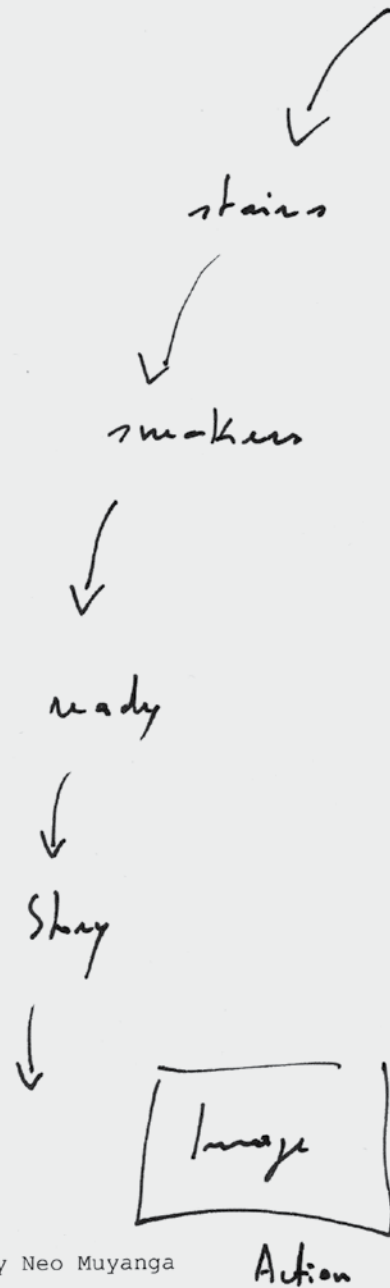
MUSIC

"Narratives of Hate" (#1, chorus only), by Neo Muyanga

I. This is a tragic story.

This is a story that starts with a fearful man: *Laius*.

*Laius*, the King of Thebes,



who had married Queen *Jocasta*, and with whom he ruled the kingdom.

The two, wished children, but didn't have any for a very long time. So, *Laius* have decided to ask advice from the oracle of Delphi, to know the truth.

(Errol beats the stick on the floor)

The oracle from the gods had heard the king's pleas and had warned *Laius* not to have a child, for if he did, the son who would be born to him, would become his father's murderer.

(Wait for Sara)

"That child will kill you." said the oracle. "That child will marry his own mother."

(Errol gets up, stool/throne falls)

*Laius* was enraged, with the idea that his not yet born son, would eventually take his own life, and his own throne.

But, not long after this fearsome prediction, *Jocasta* was pregnant, and *Laius* would soon become the father of whom he feared most - his own child.

II.

Before his birth the baby was already predestined to die. For *Laius* did not allow him to be alive or to exist.

And *Jocasta*, the mother, saw herself forced



to agree with  
his death sentence.

A small baby  
exposed to a fate  
that it is difficult  
to comprehend.

(Moses starts moving on the floor)

III.  
When the child was born,  
*Laius* fearing  
the prophecy,  
cruelly pierced  
the baby's ankles  
and demanded that  
his herald  
takes the child away  
to be killed  
by exposure  
on the mountain.

(Moses fetus, is wrapped in blood  
by Errol and Martha - Neo cries...chorus)

MUSIC  
"Narratives of Hate"(full version), by Neo Muyanga

IV.  
But, the herald  
did not obey  
the king.

(Zé carries Moses away outside the image)

He had felt  
sorry for the baby,  
so he took him  
in his arms  
and secretly  
handed the child to  
the herald of *Polybos*,  
the King of Corinth.

*Polybus* and his wife,  
Queen *Periboia*,  
have decided  
they would raise  
the baby themselves  
in their palace,  
as their own child.

She healed

his ankles,  
and named  
the child *Oedipus*,  
the one with swollen feet.

V.  
The child grew up.

(Sara installs the 'encruzilhada')

And, one day  
during a banquet  
in the palace,  
a drunken guest  
began insinuating  
that *Oedipus* did not know  
who he really was,  
and that he was not  
the true son  
of *Periboia* and *Polybos*.

*Oedipus* was concerned  
about the insinuations  
and questioned his mother,  
but she didn't dare  
to tell him the truth.

Despite the mother's  
false assurances,  
*Oedipus* wanted to know  
who he really was.

So, he went to Delphi,  
to ask who his true parents were.

The oracle  
from the gods  
did not answer  
about his true heritage,  
but instead  
offered him  
a prophecy.

The prophecy was:  
that one day  
he would murder  
his own father,  
and would marry  
his mother.

VI.  
Hearing this,  
and believing that

(Moses runs lateral, slow motion)

he was born  
from those who  
were said to be his parents,

he ran away,  
he ran and ran,  
he ran as fast as he could,  
trying to escape his own prophecy.

He ran and went into the direction of Thebes.

And on his way,  
as he was travelling  
through Phocis,  
he encountered  
a group of men,  
coming in the  
opposite direction,  
at a narrow  
three way crossroad.

VII.  
But the elder man,  
of the group  
did not let *Oedipus* pass.

(Errol and Moses fight. Neo - drumming)

They got into a violent  
discussion about  
who could pass first,  
and who should give way.

The man demanded  
his heralds  
to attack *Oedipus*.

In defence, *Oedipus*  
killed them all,  
except one,  
who ran away.

He killed  
the elder man  
without knowing,  
it was King *Laius*,  
his father.

MUSIC  
"Narratives of Hate" (#2, percussion only), by Neo Muyanga

VIII.  
*Jocasta* awaited *Laius*,  
who would not return  
from his journey. (Martha on her throne)

And her brother *Creon*,  
used this chance  
to take over  
the throne.

During this time,  
the city was at the  
mercy of the *Sphinx*,  
who was punishing the city,  
for something  
terrible that was once done.

Many have died  
in the hands of the *Sphinx*.  
~~including *Creon's* son *Haimon*.~~

Becoming desperate,  
*Creon* proclaimed  
that he would give both:  
the throne and the hand  
of his sister and widow  
of King *Laius*,  
*Jocasta*,  
to anyone who  
would solve  
the riddle  
of the *Sphinx*  
and would free the city  
from such terrible threat.

IX.  
The *Sphinx* (Grada enters, and seats at the gate)  
was a monster.

She had the face  
of a woman,  
the body of a lion,  
and wings, like a bird.

The goddess *Hera*  
had placed  
the *Sphinx*  
right at the gate  
of Thebes.

And she would eat anyone  
who would not give  
the correct answer  
to her riddle.

Oedipus had  
finally arrived  
at the city gates.

The *Sphinx*  
looked at Oedipus,  
and as always  
spoke her riddle  
that she had learned  
from the Muses:

"What is it,  
that has a single voice,  
and has four feet in the morning,  
two feet in the afternoon,  
and three feet in the evening?"

Oedipus,  
carefully thought,  
and gave his answer.

He said:  
"A human being."

"A human being  
who crawls on  
four legs as a baby,  
walks on two legs  
as an adult,  
and uses a walking stick,  
as a third leg,  
at an older age."  
- he said.

This was the correct answer to the riddle.

The *Sphinx*,  
having her riddle answered,  
threw herself off  
the high cliff,  
*Acropolis*.

And Oedipus  
had entered the city of Thebes.

X.  
Oedipus  
was celebrated  
and held as a hero,  
and as promised  
he married  
Queen Jocasta,  
and became  
Oedipus Rex,  
the king of Thebes.

(Martha and Moses dance together)

They had four children:  
*Polyneices, Eteocles,*  
*Ismene and Antigone.*

MUSIC

"Narratives of Hate" (#3 piano only), by Neo Muyanga

XI.  
They have ruled for years. (All actors on the floor, blood)

But then another  
terrible plague  
threatened  
the city again.

People were dying  
on the streets,  
one after the other,  
and bodies  
were lying on  
the ground,  
dead.

"What is the meaning of all this?  
What is the meaning of this tragedy?  
asked Oedipus.

"I came to see it,  
with my own eyes!  
I, who you call:  
Oedipus the great.  
I want to know the truth.  
I want to know why  
my people are being  
killed on the streets  
of their own kingdom!  
One after the other,  
like dogs."

"I have sent  
the brother  
Of my wife *Jocasta*  
to the temple  
of Apollo in Pythien  
to learn what  
could be the cause  
of this suffering.  
I personally  
count the days.  
Waiting until  
he comes,

with an answer."

When *Creon* arrived,  
he reported that  
it was said, that  
*Laius* murderer  
was living unpunished  
in the city of Thebes.

And that the  
god *Apollo*  
would not remove  
his curse from the city,  
until the murderer  
was found,  
banished or  
killed.

XII.  
*Oedipus* (The chorus, mirror movement, Kalaf)  
spoke to his people  
in front of the palace.

"*Laius*, a man  
I have never seen!  
His murderer  
is here among us.  
Who could have done this?  
You have to tell me the truth!"

And yet,  
there was someone  
who could reveal  
everything:

the blind prophet,  
*Teiresias*  
who was known  
for reading  
the oracle  
from the gods.

XIII.  
"Teiresias,  
you are our last  
refuge, prophet!" (Sara retira todos os bancos/tronos)

We need your help,  
We need to know  
the truth.  
Please do not hide  
the truth from us.

Save us prophet!  
Save my kingdom!  
My people!  
Save us all  
from this death!"

"I ask you, please do not deny us what you know!"

But, *Teiresias*  
refused to speak  
and instead told  
*Oedipus* that  
he would rather  
save him  
from the pain  
of the truth.

"No, I want to know the truth!  
How dare you  
to abandon us  
in this despair!"  
- claimed *Oedipus*.

"We need to know!  
We need the answer  
to this tragedy.  
My people is dying!  
My kingdom is falling apart.  
I insist!  
I insist that you tell us what you know"

*Teiresias* told  
*Oedipus* that  
he himself  
murdered a man,  
whose murder  
he seeks.

"What?  
Impossible!  
I have never saw *Laius*,  
the previous king."

I am a good king!  
I am a man who lives in the light!"

*Teiresias* replied  
*Oedipus* was a man,  
who sees,  
but is blind.

He was a man  
who was not aware of  
who he really was.

He was not aware  
that he could not be  
the child of  
his own parents,



and was not aware  
that he was not  
the father,  
of his own  
children.

He was  
the rival  
and the murder  
of his own  
father.

One by one,  
*Teiresias*  
dismantled the  
entire kingdom.

XIV.  
*Jocasta*,  
came in his defence:

(*Martha and Moses*)

"I don't understand.  
Why should you  
not be the father  
of our own children?  
And why should  
the previous King  
be killed by you?"

*Oedipus*  
confessed that  
he had committed  
a murder a long time ago;  
and that there was  
a prophecy,  
the reason why  
he left Corinth.

"There was a  
murder indeed."  
- she said,  
"But a murder  
committed  
by several men,  
in a three way  
crossroad,  
a long time ago."

"I have to confess,  
there was a prophecy,  
that *Laius* would  
be killed by  
his own child,  
but our son  
was sent to death

by *Laius* himself"  
- she said.

*Oedipus* realised  
what was being said.

And still,  
their confessions  
could not give  
prove to  
the words of  
*Teiresias*.

So, *Oedipus*  
has asked that  
the herald of *Laius*  
and only survival  
would be searched  
and brought  
to the palace  
immediately.

XV.  
But, the herald from Corinth  
enters unexpectedly the palace.

(*Zé and Zé with beads*)

He bears sad news,  
*Polybos*,  
the father of *Oedipus*  
and king of Corinth  
has died.

And his mother,  
Queen *Periboia*  
wants *Oedipus*  
to come back  
and rule  
the kingdom.

*Jocasta*  
is relieved:  
"I was sick of fear",  
she said.

"But, the prophecy  
that you would kill  
your own father is wrong!  
Your father has just died!"

The herald explained  
that *Polybos*  
was not his father.  
*Oedipus* was  
given to him,  
and he himself

brought him  
to the palace  
of Corinth.

"There was another man"  
answered the herald.  
"A man who have  
taken you to the  
mountain,  
he was ordered  
to let you die.  
But, he gave you  
to me.  
To save you."

The second herald  
finally appears  
to confirm  
what the first  
has said.

"I gave you to him.  
To this exact man."

"You were given to me,  
by your own parents.  
But, I could not  
let you die.  
I took you  
in my arms  
and gave you  
away,  
secretly."

"I took you, to save you from the death."

XVI.  
Horrified, (Moses is born from Martha)  
they both  
had to realise t  
hat they were  
wife and husband.

Mother and son.

One flesh.

Jocasta run to the palace,  
and ended her own life.

Oedipus found her,  
and pinched  
his own eyes,  
not to see  
again.

XVII.  
Jocasta's Suicide (Martha and Moses, black paper ribbons)

MUSIC  
"Narratives of Hate" (#1, chorus only), by Neo Muyanga

XVIII.  
This story can be told (Family photo - nation)  
in many different ways.

Oedipus is a tragic story,  
that has been mostly told  
as a Freudian story of desire:

The child's desire  
for the parent  
of the other sex,  
and the hostility  
towards the  
parent of  
the same sex.

The so called Oedipus complex.

But, this cannot  
explain the reality  
of most of us:

The concept would have to be  
expanded, as for instance,  
in ~~homosexuality~~ LGBTQI,  
the object of love,  
is not the one  
of another sex,  
but of the same.

And in terms  
of gender,  
women begin  
their life in  
a ~~homosexual~~ queer relationship.  
After all, the mother,  
is the first  
object of love  
and of desire.

~~So, things seem to be more dimensional.~~

The story of Oedipus  
is not only  
a story of desire.  
But, also a  
story of genocide,  
violence

and loyalty.

This is a story  
that tell us much  
about the unbearable  
violence against  
Black people  
and other  
marginalised groups.

A story that  
reveals much about  
the horrific tradition  
of exterminating  
and murdering  
Black people.

The so called *Black genocide*.

XIX.

Oedipus, (Moses runs, front, until exhaustion, slow)  
son of the King of Thebes,  
who was almost killed  
by his own parents,  
had no intention  
of murdering  
his own father.  
But, he did,  
without knowing.

It was the  
father himself,  
who saw the child  
as a rival,  
and who have planned  
to murder him,  
in the first place.

Oedipus  
finds himself in a  
Oedipal conflict:  
to be killed  
by his father  
or to kill  
his father himself.

A symbolic conflict  
that exposes  
the rivalry  
within a patriarchal  
relationship.

Freudians,  
understood  
this conflict  
within the

family only.

It was said,  
that the child struggles  
with masculine authority,  
to be prepared for  
the competitive  
and aggressive demands  
of the adult life.

And yet, to be loyal  
to the law and authority,  
that they will represent  
themselves, one day.

But, this fixation  
in the (white) family,  
ignores the historical  
and political dimensions  
of this conflict.

For within a  
colonial relationship  
as much as marginalised people,  
respect the law,  
we can rarely become  
the lawful authority.

We become instead  
the ones punished or  
murdered by the law itself.

So writes Fanon:  
"The family is a  
miniature of the nation.  
And because  
colonised families  
do not mirror the  
colonial nations,  
our neuroses arise  
not within our  
own family,  
but in contact  
with the violence  
of the white world"  
- that is so unreasonable.

XX.

But, how come our bodies (Foto de familia, changes)  
become the place  
where violence  
and murder  
can be performed  
so gratuitously?



Well, to escape  
the dreadful competition  
with the patriarchal figure,  
in the colonial context,  
the *white* subject  
presents itself  
as the symbolic child,  
whose throne  
is being threatened,  
by the *Other*,  
that has to be  
destroyed.

The feared father,  
rival and  
competitor  
is then substituted  
by the *Other*.

And this becomes  
the fearful and  
symbolic rival  
who threatens  
the symbolic child -  
the *white* subject,  
who mimics the patriarch.

This guarantees  
access to power,  
and allows  
positive feelings  
towards the family  
and the nation  
to remain intact.

(loyalty)

So, the murderous  
fantasies  
of the Oedipal conflict  
and the unconscious wish  
to kill and destroy  
the patriarchal figure  
are repressed  
and performed on  
marginalised bodies,  
gratuitously.

The Black bodies  
become the place  
where insult,  
humiliation,  
punishment,  
incarceration,  
violence  
and  
murder  
are performed.

We live in a white cube,

that has a very  
problematic relationship with Blackness.

XXIII.

"What else could this be for me, (Chorus)  
but an amputation,  
an exclusion,  
an excision,  
a haemorrhage  
that spattered  
my whole body  
with Black blood?"  
- said Fanon.

He uses the  
language of trauma  
indicating the  
painful bodily  
impact and loss  
characteristic  
of a traumatic collapse.

For within racism,  
one is surgically removed,  
violently separated  
of whatever identity  
one might really have.

A shock,  
a violent shock,  
not violent  
because it is not expected,  
but rather,  
because it is so dehumanising.

It places us outside humanity.

XXII.

There are pieces (All... final dance)  
in our history  
that seem quite  
incomprehensible.

Unreasonable.

I think  
there is nothing  
more traumatic  
than dealing with  
the unreason.

Dealing with  
the fact that  
one cannot apply  
any reason  
to the truth.

But within racism  
there is no agreement  
at the level of reason.

Everything about it,  
is unreasonable.

Everything.

There is nothing  
I wish more than  
to liberate myself  
from this  
unreason.

# O dicionário

# The dictionary

**denial** (di'nei(ə)l/)\*, noun, n. 1. the action of denying something; synonyms: repudiation; antonyms: confirmation; n. 2. a statement that something is not true; synonyms: contradiction; antonyms: agreement; n. 3. the refusal to recognise the reality; synonyms: rejection; antonyms: acceptance; n. 4. the refusal to admit or to acknowledge an emotion, a wish or a fact, into consciousness; synonyms: disavowal - used as a defence mechanism; n. 5. the act of asserting onto someone else the responsibility for that unacceptable emotion, wish or fact.

\*to differentiate from negation, in which an emotion, wish or fact is admitted only in its negative form: "I am not (...)." The not with which the fact is first denied is immediately followed by a confirmation of it.

**negação** (latim. negatio, -onis/)\*, substantivo, n. 1. a ação de negar algo; sinônimos: repúdio; antônimos: confirmação; n. 2. a afirmação de que algo não é verdade; sinônimos: contradição; antônimos: acordo; n. 3. a recusa de reconhecer a realidade; sinônimos: rejeição; antônimos: aceitação; n. 4. a recusa de admitir ou reconhecer uma emoção, um desejo ou um fato, no consciente - usado como mecanismo de defesa; n. 5. o ato de afirmar ou projectar noutra pessoa ou grupo de pessoas a responsabilidade por essa emoção, desejo ou fato inaceitável.

\*para diferenciar da negação, na qual uma emoção, desejo ou fato é admitido apenas na sua forma negativa: "Eu não sou (...)". O 'não' com o qual o fato é primeiramente recusado, é imediatamente seguido pela confirmação deste.

**guilt** (gilt/), noun, n. 1. the emotion that follows an infringement already committed; synonyms: wrongdoing, criminality; antonyms: innocence; n. 2. the emotional response to a specified or implied offence; synonyms: accusation; antonyms: harmlessness; n. 3. the fear or preoccupation of being accused or punished for the infringement; n. 4. the feeling of having committed wrong or failed an obligation; synonyms: blame; antonyms: naivety; n. 5. the result of a conflict between one's own aggressive wishes towards others and the super-ego; n. 6. the response to guilt is disbelief: "I think you are exaggerating-", as a strategy to reduce the sense of guilt.

**shame** (ʃeɪm/), noun, n.1. a feeling of distress or humiliation caused by the consciousness of wrong or foolish behaviour; synonyms: indignity; antonyms: dignity, pride, glory; n. 2. the emotional response to a regrettable or unfortunate situation or action; synonyms: discomfort; antonyms: honour; n. 3. the emotion that follows a fear of ridicule; n. 4. the feeling of not being able to live up to one's ego ideal; synonymous: embarrassment; antonyms: confidence; n. 5. the conflict between the ego and the super-ego, that is, between who one is and who one would like to be; n. 6. the act of realising the discrepancy between one's own self-perception and other people's perception of oneself; n. 7. the act of self-reflection or insight.

**culpa** (latim. culpo/), substantivo, n. 1. a emoção que se segue a uma infração já cometida; sinônimos: transgressão, criminalidade; antônimos: inocência; n. 2. a resposta emocional a uma ofensa especificada ou implícita; sinônimos: culpabilidade; antônimos: ingenuidade; n. 3. o medo ou a preocupação de ser acusado ou punido pela infração; sinônimos: denúncia, queixa; antônimos: defesa, justificação; n. 4. a sensação de ter cometido um erro ou de ter falha de uma obrigação; sinônimos: desleixo, descuido; antônimos: cuidado, responsabilidade; n. 5. o resultado de um conflito entre os próprios desejos agressivos para com os outros e o super-ego implica o processo de projeção, no qual a agressão é projectada nos outros, permitindo ao ego construir-se como ideal; n. 6. a resposta à culpa é a descrença: "Eu não acredito...", "Eu acho que é um exagero...", como estratégia para reduzir o sentimento de culpa.

**vergonha** ((latim. verecundia, -ae/), substantivo, n.1. um sentimento de angústia ou de humilhação causado pela consciência de um comportamento errado ou insensato; sinônimos: indignidade; antônimos: dignidade, orgulho, glória; n. 2. a resposta emocional a uma situação ou ação lamentável ou tola; sinônimos: desconforto; antônimos: honra; n. 3. a emoção que segue ao medo do ridículo; n. 4. o sentimento de não poder viver de acordo com o ideal do ego; sinônimo: embaraço; antônimos: confiança; n. 5. o conflito entre o ego e o super-ego, isto é, entre 'quem eu sou' e 'quem eu desejo ser'; n. 6. o ato de perceber a discrepância entre a própria imagem e a imagem que os outros têm do próprio; n. 7. a vergonha leva ao ato de introspecção, conhecimento ou compreensão.

**recognition** (rɛkəg'nɪʃ(ə)n/), noun, n. 1. the action or process of recognising or being recognised; synonyms: identification, acknowledgement; antonyms: misidentification; n. 2. the process of acknowledging the existence, validity, or legality of someone or something; synonyms: acceptance, admission; antonyms: exclusion, misrepresentation; n. 3. the process of accepting, appreciating, validating or acclaiming someone or something for an achievement, ability, knowledge or perspective one might not possess; synonyms: gratitude, respect; antonyms: disregard, indifference.

**reconhecimento** (ɾɛkəgnɪʃ (ə) n /), substantivo, n. 1. a ação ou processo de reconhecer ou ser reconhecido; sinônimos: conhecimento, identificação; antônimos: desconhecimento; n. 2. o processo de reconhecer a existência, validade ou legalidade de alguém ou de algo; sinônimos: aceitação, admissão; antônimos: exclusão; n. 3. o processo de aceitar, apreciar, validar ou aclamar alguém ou algo pelo seu empreendimento, habilidade, ou conhecimento; sinônimos: gratidão, respeito; antônimos: desprezo, indiferença.

**reparation** (rɛpə'reɪʃ(ə)n/), noun, n.1. the action of making amends for a wrong one or one's nation has done, by providing payment or other assistance to those who have been wronged; synonyms: amends, compensation, recompense; antonyms: injury, damages; n. 2. the act of repairing or compensating someone or a group of people for individual or collective damage; synonyms: restitution, reimbursement; antonyms: penalisation, exclusion; n. 3. the act of extending rights or privileges to a person or a group of people who were historically or socially denied access to these; synonyms: equality, justice; antonyms: inequality, difference. n. 4. the act of interrupting and transforming structures, institutions, practices, vocabularies and discourses in order to repair the wrongdoing; synonyms: egalitarianism, impartiality; antonyms: disadvantage, partiality.

reparação (ɾɛpəɾɛɪʃ (ə) n /), substantivo, n.1. a ação de compensação por parte de uma pessoa ou de um grupo de pessoas (país) por um feito errado, fornecendo pagamento ou outra forma de assistência a quem foi injustiçado; sinônimos: reparações, compensação, recompensa; antônimos: afligir, causar danos, trauma; n. 2. o ato de reparar ou de compensar alguém ou um grupo de pessoas por danos individuais ou coletivos; sinônimos: restituição, reembolso; antônimos: penalização, atribuir uma desvantagem ou sanção; n. 3. o ato de estender direitos ou privilégios a uma pessoa ou a um grupo de pessoas aos quais, historicamente ou socialmente, o acesso a estes foi negado; sinônimos: igualdade, justiça, inclusão; antônimos: desigualdade, diferença, exclusão. n. 4. o ato de interromper e transformar instituições, estruturas, leis, práticas, e vocabulários de forma a consertar o mal cometido; sinônimos: igualitarismo, imparcialidade, igualdade; antônimos: desvantagem, parcialidade, desigualdade.

## Table of goods

Making of da instalação  
[making of the Installation]  
*Table of Goods*, 2017  
The Power Plant, Toronto, 2018



página seguinte

***Table of goods*, 2017**

Dimensões variáveis  
[variable dimensions]  
MAAT, Lisboa [Lisbon]





# Lista de obras

## List of Works

***Ilusões Vol. I, Narciso  
e Eco [Illusions Vol. I,  
Narcissus and Echo],  
2017***

Vídeo instalação  
[video installation],  
30'38"

***Ilusões Vol. II, Édipo  
[Illusions Vol. II,  
Oedipus], 2018***

Vídeo instalação  
[video installation],  
45'26"

***O Dicionário  
[The Dictionary],  
2017 – 2019***

Vídeo instalação  
[video installation],  
looping

***Table of Goods, 2017***

Terra vegetal, cacau em pó,  
chocolate, café moído  
e em grão, açúcar e velas  
de cera [Vegetal earth,  
cocoa powder, chocolate,  
beans and ground coffee,  
sugar and wax candles]  
Dimensões variáveis  
[variable dimensions]

## GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

JOÃO DORIA  
Governador do Estado

SÉRGIO SÁ LEITÃO  
Secretário de Cultura e Economia Criativa

CLÁUDIA PEDROZO  
Secretária Executiva de Cultura e Economia Criativa

Conselho de Orientação Artística  
Presidente: Jochen Volz  
Conselheiros: Ana Paula Simioni, Guilherme Wisnik, Jaime Lauriano, João Bandeira, Lucia Machado Koch, Sergio Fingeremann, Stela Barbieri.

ASSOCIAÇÃO PINACOTECA ARTE E CULTURA – APAC  
Organização Social de Cultura

Conselho de Administração  
Presidente: Manoel Andrade Rebello Neto  
Vice-Presidente: Pedro Bohomoletz de Abreu Dallari  
Conselheiros: Ana Carmen Rivaben Longobardi, Beatriz Yunes Guarita, Carlos Jereissati, Christopher Andrew Mouravieff-Apostol, Elisa Inês Ximenes Vieira, Marcelo Secaf, Mariangela Ometto Rolim, Roberto Bielawski, Sérgio Fingeremann, Sérgio Sister.

Conselho Fiscal  
Presidente: Osvaldo Roberto Nieto  
Conselheiro: Antonio Carlos Rovai, Silvio Barbosa Bentes.

Conselho Consultivo  
Presidente: Celso Lafer  
Conselheiros: Alfredo Egydio Setubal, Bruno Musatti, Carlos Wendel de Magalhães, Denise Aguiar Álvarez, Heitor Sant'anna Martins, Helio Seibel, Horácio Bernardes Neto, João Carlos de Figueiredo Ferraz, José Olympio da Veiga Pereira, Julio Roberto Magnus

Landmann, Nilo Marcos Mingroni Cecco, Renata di Paula, Ricardo Steinbruch, Ruy Roberto Hirschheimer.

Diretor Geral  
Jochen Volz

Diretor Administrativo e Financeiro  
Marcelo Costa Dantas

Diretor de Relações Institucionais  
Paulo Romani Vicelli

Analista de Planejamento Gestão Sênior  
Bianca Corazza

Secretário de Diretoria  
Renivaldo Nascimento Brito

Auxiliar Administrativo  
Vivian Miranda

Relações Institucionais  
Jaqueline Viana, Julia Puglia Bergamasco, Luana Andrea Lopes Machado Cavalcanti.

Núcleo de Comunicação e Marketing  
Coordenadora: Adriana Krohling Kunsch  
Ana Camila Dias Gaya, Caio Cesar de Melo Raposo, David Atila de Oliveira, Francisco Franceli Pereira, Jamerson Correia de Lima, Leila Graziela Costa Oliveira, Thais Gouveia Leite.

Área de Acervo e Curadoria  
Coordenadora: Valéria Piccoli

Núcleo de Acervo Museológico  
Coordenadora: Fernanda D'Agostino Dias  
Gabriela Rodrigues Pessoa de Oliveira, Ligia Kulaif Perroni, Rafael Guarda Laterza.

Núcleo Centro de Documentação e Memória  
Coordenadora: Isabel Cristina Ayres da Silva Maringelli, Cleber Silva Ramos, Diego Silva, Eliane Barbosa, Larissa Alves da Silva, Leandro Antunes Araujo.

Núcleo de Pesquisa e Curadoria  
Curadora-chefe: Valéria Piccoli  
Amanda Moreira Arantes, Fernanda Mendonça Pitta, José Augusto Pereira Ribeiro, Pedro Nery.

Núcleo de Conservação e Restauro  
Coordenadora: Teodora Camargo Carneiro  
Ana Lúcia Nakandakare, Camilla Vitti Mariano, Henrique Francisco Costa Filho, Manuel Ley Rodriguez, Priscila Leitão Denardi Alegre, Rafael Almeida Tonon, Tatiana Russo dos Reis.

Área de Ação Educativa  
Coordenadora: Mila Milene Chiovatto  
Coordenador do Programa Educativo: Gabriela Aïdar  
Ana Camila Silva Onofre, Carolina Simões de Oliveira, Cinthia Alves da Silva, Gabriela Cometi Duarte, Guilherme Henrique Reis Albani, Ian da Rocha Cichetto, Isis Arielle Avila de Souza, Joyce Braga da Silva, Leonardo Sampaio da Silva, Luciana Cardoso de Oliveira Santos, Luisa Rodrigues Barcelli, Margarete de Oliveira, Maria Stella da Silva, Marina Amaral Gouveia, Monique Beneval de Souza, Pyero Fiel Ayres da Silva, Rafael Aparecido Ribeiro Anacleto Malaquias, Rafaella de Castro Fusaro, Renato Akio da Cruz Yamaguchi, Sabrina Denise Ribeiro, Telma Cristina Mosken, Valdir Alexandre de Oliveira, Vera Lucia Cardoso Farinha, Wilmihara Benevides da Silva Alves dos Santos.

Área de Projetos Culturais  
Coordenadora: Angela Alem Gennari  
Elisa Inês Ximenes Vieira, Guilherme Barros, Jonatas Santana Biet, Mauricio da Silva A. Serrano, Mirian Sasaki, Rodolfo Yuri de Almeida Fontana

Área Financeira  
Coordenadora: Renata Aparecida Silva de Melo.  
Ana Paula Alencar Quaresma, Cícero Fernandes da Silva,

Edinea Aparecida Rocha Possebon, Eduardo Oubeur Gouveia, Emanuelle Rodrigues de Castro, Fernando Henrique Lau, Renata de Araujo Angelim.

Área de Recursos Humanos e Atendimento ao Público  
Coordenadora: Marcia Regina Guiote Bueno

Recursos Humanos  
Lacerda Mitsuzumi, Maiara de Oliveira Correia.

Atendimento ao Público  
Ademilton Laranjeiras Silva, Alex Tondo Kiala, Aline da Silva Oliveira, Aline Silva Matos, Anderson Oliveira Dias, Arlete Oliveira de Souza, Antonio Rodrigues de Almeida Junior, Ashley Any Gonçalves, Bianca Alana Araújo do Nascimento, Bruna Cristina S. dos Santos, Claudia Aparecida dos Santos, Cleiton dos Santos, Daniela Soares Lima, Danilo Batista de Oliveira Santos, Danilo da Silva Jardim, Daril Alexandre Costa, Darlan dos Santos Lopes, Demily Nobrega da Silva, Fabiana Borges dos Santos, Fabiane Cavalcante Peixoto, Fabio Lazarini, Fernando Eduardo de Souza, Pyero Fiel Ayres da Silva, Rafael Aparecido Vieira Junior, Gabriela Oliveira Santana, Graça Teodor Silva Capela, Grazielle Alves Bastos, Joelma Silva de Oliveira, José Cleolenildo da Silva, Luanda da Silva, Lucimara Cristiane Vieira Silva, Lurdes Irene da Costa, Marcilene Maria da Silva, Maria Aldenice da Silva Santos, Maria Aparecia Silva Gonçalves, Maria Hilda Vieira Rodrigues, Maria José da Silva Balbino, Maria Sandra Barbosa de Melo Souza, Marta Conceição Augusto, Matheus Cabral Arnaldo, Matuvinga Adelino Pascoal, Nadiete Muniz da Silva, Patrícia Aparecida Batista de Souza, Paulo Alexandre de Moraes Xavier, Paulo Nei Prata Fernandes, Pedro Bispo Sampaio, Priscila Aparecida Leite Figueiredo, Raquel da Silva, Regiane Alves

da Rosa, Regiane Gomes da Silva Vieira, Reijane da Silva Muniz, Ronal Joseph, Rosemeire dos Santos Cezar, Rosicleia dos Santos Faria, Rosilda Santana de Souza, Rosimeire dos Santos Figueiredo, Rubenia Maria Carmona Castro, Soraya Correa da Rocha Pequeno, Tamyres Lippi Moser, Thomaz de Jesus Silva, Vera Lucia de Almeida Silva, Victor Onodera Israel, Viviane Palomo dos Santos, Wilcene Joseph.

Área de Facilities  
Coordenador: Eric Braga Leister

Infraestrutura  
André Luiz Mello Peixoto, Cícero Teixeira Peixoto, Espedito Ramalho Rangel, Flávio da Silva Pires, Gilberto Oliveira Cortes, Hamilton Manoel de Jesus, Marcos Cardoso, Marcos de Goes Barbosa, Mario Sergio Caetano dos Santos, Muyangi Inseta, Paulo Cesar Pereira Duarte de Carvalho, Rodolfo Yuri de Almeida Santana.

Núcleo de Segurança Patrimonial  
Janaina Roberta Ferreira de Souza Cortes, José Rubens de Lima Junior, Karina Inácio da Silva, Leandro Aparecido Sires dos Santos, Marcio Guedes da Silva, Paulo Pereira da Silva, Renata Pimenta Ferreira, Tarcisio da Silva, Yago Tavares Franco.

Núcleo de Tecnologia da Informação  
Coordenador: Robson Serafim Valero  
Deilson Santana Sena, Rodrigo Justino da Silva.

## EXPOSIÇÃO EXHIBITION

Curadoria / Curator  
Jochen Volz e Valéria Piccoli

Assessoria de curadoria / Curatorial advisor  
Pedro Nery

Expografia e montagem / Exhibition design  
Área de Projetos Culturais/ Cultural Projects Department

Comunicação visual / Visual communication  
Caio Raposo

CATÁLOGO CATALOGUE

Coordenação e produção editorial / Editorial coordination and production  
Leila Graziela Costa Oliveira

Revisão / Proofreading  
Regina Stocklen

Tradução / Translation  
TodoTipo Editorial  
Mar Carreño Leyva  
Simone Vieira Resende

Revisão do inglês / English proofreading  
Regina Stocklen

Projeto gráfico / Graphic design  
Celso Longo + Daniel Trench

Assistente de design / Design assistant  
Luisa Prat

Produção Gráfica / Graphic production  
Signorini Produção Gráfica

Gráfica / Printing  
Ipsis

Capa / Cover  
Still da vídeo instalação "Ilusões Vol. II, Édipo [Still of the video installation "Illusions Vol. II, Oedipus], 2018"

Fotos / Photos  
Anthea Pokroy [pp.18 à 21]; Grada Kilomba [pp. 48 à 61; 110 à 123]; Leo Eloy [p. 22]; Time Ohler [pp. 82 à 86]; Bruno Lopes [p. 146]

Imagens / Images  
Todas as imagens são cortesia da artista. Goodman Gallery [pp. 18 à 21; 88]; Bienal de São Paulo [p. 22]; Berlin Biennale [p. 84 à 87]; MAAT [p. 146]

Agradecimentos / Acknowledgements  
Pelo incansável apoio de Dulcinéia Gomes em Berlim e Emma Laurence da Goodman Gallery, em Joanesburgo. E à minha família: Kianda, Kiluanji e Moses [For the tireless support of Dulcinéia Gomes in Berlin and Emma Laurence from Goodman Gallery in Johannesburg. And to my family: Kianda, Kiluanji and Moses]; À Pedro Barbosa, pela hospitalidade [To Pedro Barbosa, for his hospitality].

Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos morais, autorais e de imagem neste livro. A Pinacoteca do Estado de São Paulo agradece qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ou outros dados que estejam incompletos nesta edição, e se compromete a incluí-los nas futuras reimpressões [All efforts have been made to recognize moral rights, copyrights and image rights in this book. The Pinacoteca do Estado de São Paulo welcomes any information as to authorship, titularity and/or other relevant facts that may be incomplete in this edition, and commits to including them in future printings].



apoio de mídia



realização

PINACOTECA DE SÃO PAULO



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DA CIDADANIA



Grada Kilomba : desobediências poéticas / curadoria  
Jochen Volz e Valéria Piccoli ; ensaio Djamilá Ribeiro. --  
São Paulo : Pinacoteca de São Paulo, 2019.

Exposição realizada na Pinacoteca de São  
Paulo, de 06 de julho a 30 de setembro de 2019

ISBN 978-85-8256-110-2

Edição em português e inglês

1. Kilomba, Grada, 1968 - 2. Arte portuguesa -  
Séc. XXI. 3. Arte e sociedade. I. Pinacoteca  
do Estado. II. Curadoria. II. Ensaio

CDD 709.69

**fonte** cera  
**papel** supremo 250 g/m<sup>2</sup> [capa]  
e munken lynx rough 120 g/m<sup>2</sup> [miolo]  
**tiragem** 500 exemplares, dos quais 20% foram  
distribuídos gratuitamente em atendimento  
à Lei n. 8313. A edição deverá ser  
comercializada no valor de R\$90,00.